



VOZ DA FÁTIMA

Maria levantou-se e partiu apressadamente

EDITORIAL

Nova oportunidade para a paz

Pe. Carlos Cabecinhas

“Ano novo, vida nova”, diz o provérbio. Porém, se a chegada de um novo ano nos enche de esperança e confiança, também sabemos que o novo ano herda problemas velhos, nomeadamente a dramática realidade da guerra. Na mensagem para o 56º Dia Mundial da Paz (1 de janeiro de 2023), o Papa Francisco afirma que “quando já ousávamos esperar que estivesse superado o pior da noite da pandemia de Covid-19, eis que se abateu sobre a humanidade uma nova e terrível desgraça”: assistimos ao aparecimento do flagelo da guerra na Ucrânia.

Esta guerra, que regressou à Europa, para além das inúmeras vidas que vai ceifando e do rasto de destruição que vai deixando, provocou uma onda de refugiados como não víamos desde a Segunda Guerra Mundial. Além disso, como recorda o Papa, esta guerra vai atingindo “de forma generalizada e indiscriminada” a todos e não apenas aqueles que são diretamente implicados: pensemos naqueles que sofrem com as subidas do preço dos combustíveis e com a falta de alimentos, nomeadamente de cereais, e a crise económica que isso provoca.

Este não é, porém, o único foco de conflito aberto no mundo: lembremos a guerra civil na Síria, agora quase esquecida, mas que, desde 2011, já provocou mais de 500 mil mortos e mais de 6 milhões de deslocados internos e mais de 6 milhões de refugiados; a guerra civil no Iémen; o conflito entre a Arménia e o Azerbaijão; as guerras que assolam tantos países africanos, muitas delas guerras esquecidas e vítimas ignoradas.

Cada novo ano é uma nova oportunidade para a paz. Por isso, compreendemos a importância da escolha feita pelo Papa S. Paulo VI do dia 1 de janeiro para o Dia Mundial da Paz: trata-se de uma jornada que não nos deixa esquecer o drama das guerras e das suas vítimas, que nos faz rezar pela paz, dom e tarefa, que nos mobiliza para acolhimento e para o apoio aos refugiados.

Mas a jornada mundial da paz é também um apelo à paz a outro nível: “a cultura da paz não se constrói apenas entre os povos e entre as nações, começa no coração de cada um de nós” (discurso do Papa Francisco à Cúria Romana, a 22 de dezembro de 2022). Se nos sentimos impotentes diante do drama da guerra, este é um aspeto de depende de cada um de nós, levando-nos a “extirpar do próprio coração toda a raiz de ódio e ressentimento contra os irmãos e irmãs que vivem junto de nós”. De facto, há muitas formas de violência que são também um atentado à paz: as agressões físicas, a violência verbal e psicológica, os abusos de poder, a indiferença aos outros e aos seus problemas, a exploração de seres humanos, a falta de respeito pelos direitos dos outros e pela sua dignidade... Na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano, o Papa recorda-nos que “ninguém pode salvar-se sozinho”: juntos é que podemos contruir um mundo mais fraterno e pacífico.

A mensagem de Fátima é mensagem de paz e de esperança e está profunda e indelevelmente ligada ao tema da paz. É, por isso, um forte estímulo para nos tornarmos efetivamente construtores de paz à nossa volta, de modo que este novo ano seja verdadeiramente sinónimo de vida nova.

Desejo a todos um bom ano de 2023, cheio das bênçãos de Deus.

Santuário de Fátima presta homenagem a Bento XVI e destaca os contributos do Papa emérito

Sinos repicaram em três momentos, no dia da sua morte, e também no do seu funeral. Nas exéquias, em Roma, Fátima esteve representada pelo cardeal D. António Marto e o bispo titular da diocese, D. José Ornelas Carvalho.

Carmo Rodeia



A relevância dada pelo falecido Papa emérito Bento XVI a Fátima e à sua Mensagem foi evocada pelos vários interlocutores do Santuário, desde o Reitor ao Bispo da diocese, nas várias intervenções feitas após a morte do pontífice germânico no dia 31 de dezembro.

Joseph Ratzinger visitou Fátima em diferentes ocasiões, embora como Papa Bento XVI só tenha estado uma vez, mas o seu “carinho” e, sobretudo a sua reflexão teológica, foram “muito importantes” para a afirmação de Fátima.

“Na sua peregrinação a este Santuário, Bento XVI recordou a missão profética da mensagem de Fátima: ‘Iludir-se-ia quem pensasse que a missão profética de Fátima esteja concluída’. Deste modo, o Papa sublinhava a atualidade da mensagem de Fátima e chamava a atenção para a importância dos apelos de Nossa Senhora neste lugar”, disse o reitor, na homilia da primeira Missa celebrada após a confirmação da morte do Papa emérito, ao recordar a presença do Santo Padre na Cova da Iria, em maio de 2010.

“Quer nessa peregrinação, quer

em outras ocasiões, por diversas vezes Bento XVI referiu-se a Fátima e à importância da sua mensagem. Ele caracterizou Fátima como “escola de fé” e como “Cenáculo da fé”, no qual “a Virgem Maria nos indica o caminho para a nossa oblação pura e santa nas mãos do Pai”. Mais tarde, diria que Fátima “é uma escola de fé e de esperança, porque é, também, escola de caridade e de serviço aos irmãos.”

O padre Carlos Cabecinhas deu graças pela vida de Bento XVI, que qualificou como “um homem de um enorme amor à Igreja, que se gastou ao seu serviço”.

“Queremos dar graças a Deus pelo seu testemunho e pela sua vida. E aqui, em Fátima, queremos também manifestar a nossa gratidão pelo carinho especial que dedicou a este Santuário e a especial atenção que deu à mensagem de Fátima, quer antes da sua eleição como Papa, quer durante o seu pontificado.”

Também numa mensagem de pesar, o bispo da diocese de Leiria-Fátima sublinhou o papel de Bento XVI na projecção de Fátima.

“Os comentários teológicos que

desenvolveu ainda como Prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé à terceira parte do chamado Segredo de Fátima, bem como as suas visitas ao Santuário, foram decisivas para a interpretação equilibrada da mensagem de Fátima e para a sua difusão credível, na Igreja e no mundo” afirmou D. José Ornelas Carvalho.

“Ele estava bem convencido de que há um caminho de fé na mensagem de Fátima [na escola de Maria], com consequências para a vida individual e social para os discípulos e discípulas de Jesus”, disse ainda o prelado diocesano sublinhando “o dom que ele foi para todos nós e para toda a Igreja, durante o seu serviço como teólogo eminente e iluminador; pela sua busca de caminhos e linguagens para falar da fé em forma credível aos homens e mulheres dos nossos dias; pelo diálogo entre a fé e a cultura que promoveu; pela sua participação ativa no Concílio Vaticano II e na sua correta implementação na Igreja; pelo diálogo ecuménico com as igrejas cristãs, na busca de caminhos de entendimento e comunhão”.

Bento XVI: Intérprete do Segredo de Fátima

Bento XVI, falecido no último dia de 2022, deixa um legado riquíssimo na interpretação da mensagem de Fátima, com o expoente no seu comentário teológico à terceira parte do Segredo de Fátima. No dia da sua morte, o mundo enalteceu as suas qualidades como pessoa, intelectual, teólogo e humanista. Recordamos a vida do Papa emérito e a estreita ligação que estabeleceu com Fátima, que apelidou de “escola de fé, de esperança e de caridade”.

Carmo Rodeia | Texto escrito a partir da Enciclopédia de Fátima, site do Vaticano e site do Santuário de Fátima

Joseph Ratzinger nomeado Cardeal em 1977 e Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé em 1981, Decano do Colégio Cardinalício desde 2002 nasceu em Marktl am Inn, no território da Diocese de Passau (Alemanha), a 16 de Abril de 1927, no seio de uma família modesta.

O tempo da sua juventude não foi fácil. A fé e a educação da sua família preparou-o, contudo, para a dura experiência dos problemas relacionados com o regime nazi: recordou ter visto o seu pároco açoitado pelos nazis antes da celebração da Santa Missa e de ter conhecido o clima de grande hostilidade em relação à Igreja católica na Alemanha. Mas, precisamente nesta complexa situação, descobriu a beleza e a verdade da fé em Cristo e foi fundamental o papel da sua família que continuou sempre a viver um testemunho cristalino de bondade e de esperança radicada na pertença consciente à Igreja, lê-se na biografia oficial, publicada pelo Vaticano, do Papa emérito, que faleceu no passado dia 31 de dezembro.

Em 29 de Junho de 1951 foi ordenado sacerdote. Um ano mais tarde iniciou a sua actividade didáctica na mesma Escola de Frisinga onde tinha sido estudante. Em 1953 formou-se em Teologia com uma dissertação sobre o tema: “Povo e Casa de Deus na Doutrina da Igreja de Santo Agostinho”. Depois de vários anos a leccionar em várias escolas de Teologia, começou a publicar textos e textos de reflexão teológica. Teve grande ressonância a sua conferência pronunciada na Academia Católica da Baviera sobre o tema: “Por que é que eu ainda estou na Igreja?”. Nesta ocasião declarou com a sua habitual clareza: “Só na Igreja é possível ser cristãos e



não ao lado da Igreja”.

A 25 de Março de 1977 o Papa Paulo VI nomeou-o Arcebispo de Monastério e Frisinga. Foi o primeiro sacerdote diocesano que assumiu, depois de oitenta anos, o governo pastoral da grande Diocese da Baviera. Escolheu como mote episcopal: “Colaboradores da Verdade”. O Papa Montini criou-o Cardeal, com o título de Santa Maria Consoladora no Tiburtino, no Consistório de 27 de Junho de 1977.

Foi Relator na Quinta Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos (1980) sobre o tema da Família cristã no mundo contemporâneo.

A 25 de Novembro de 1981 João Paulo II nomeou-o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Foi também Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional. O seu serviço como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé foi incansável e é quase impossível enumerar o seu trabalho no espaço de uma biografia, embora tenha sido, também, o lugar onde amalhou mais

anticorpos. Foi colaborador. Foi colaborador de João Paulo II até ao fim.

“Segue-me!”, foi a palavra-chave, a ideia-guia da homilia que o Cardeal Ratzinger dirigiu ao mundo inteiro durante as exéquias do Santo Padre. Uma palavra que narra a missão de João Paulo II e ao mesmo tempo uma exortação que alcança todas as pessoas.

Bento XVI não foi um Papa consensual, mas desde cedo esteve ligado a Fátima e restarão poucas dúvidas de que a viagem que passou por Lisboa, Fátima e Porto, era essencialmente dedicada aos pastorinhos de Fátima, uma vez que se completavam naquela altura dez anos desde que Francisco e Jacinta tinham sido beatificados.

“Estou certo de que os Pastorinhos de Fátima, os Beatos Francisco e Jacinta e a Serva de Deus Lúcia de Jesus nos acompanham nesta hora de prece e de júbilo”, disse.

Na Missa de 13 de maio de 2010, Bento XVI apresentou, “a Luz no íntimo dos Pastorinhos,

que provém do futuro de Deus, é a mesma que se manifestou na plenitude dos tempos e veio para todos”.

“Exige-se uma vigilância interior do coração que, na maior parte do tempo, não possuímos por causa da forte pressão das realidades externas e das imagens e preocupações que enchem a alma”, alertou o Santo Padre, reiterando que “iludir-se-ia” quem pensasse que a “missão profética de Fátima estivesse concluída”.

No seu comentário teológico à terceira parte do Segredo de Fátima, que fala de um “Bispo vestido de branco” que caminha no meio de ruínas e cadáveres, imagem associada ao atentado sofrido por João Paulo II a 13 de maio de 1981, Bento XVI afirmou que “nesta visão do sofrimento do Papa é possível ver, em primeira instância, o Papa João Paulo II”, mas também estão indicadas “realidades do futuro da Igreja” que se “desenvolvem e se mostram”.

“O importante é que a mensagem, a resposta de Fátima, não

vai substancialmente na direção de devoções particulares, mas precisamente na resposta fundamental, ou seja, a conversão permanente, a penitência, a oração, e as três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade”, sustentou.

Em Fátima, depois de vários discursos e homilias, a imagem de marca foi um momento sem palavras: o Papa em silêncio, olhos fixos na imagem de Nossa Senhora de Fátima na Capelinha das Aparições.

Na tarde de 12 de maio de 2010, Bento XVI entregou uma Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, tornando-se o primeiro Papa a fazê-lo pessoalmente em solo português.

Na Missa de 13 de maio, Bento XVI apresentou ainda, diante de centenas de milhares de pessoas, o fruto da sua reflexão de décadas sobre os acontecimentos de 1917: “Deus – mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio – tem o poder de chegar até nós nomeadamente através dos sentidos interiores, de modo que a alma recebe o toque suave de algo real que está para além do sensível, tornando-a capaz de alcançar o não-sensível, o não-visível aos sentidos”.

“Para isso exige-se uma vigilância interior do coração que, na maior parte do tempo, não possuímos por causa da forte pressão das realidades externas e das imagens e preocupações que enchem a alma. Sim! Deus pode alcançar-nos, oferecendo-se à nossa visão interior”, concluiu.

No dia da sua morte, membros da Igreja da sociedade e da política enalteceram as suas qualidades como pessoa, intelectual, teólogo e humanista, um homem que soube pensar o mundo, em especial a Europa.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redacção: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redacção: press@fatima.pt
www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, nº161 | 3020-430 Coimbra

A palavra do Papa sobre Fátima: escola de fé, de esperança e de caridade

“Queria, no fim, tomar uma vez mais outra palavra-chave do «segredo» que justamente se tornou famosa: «O meu Imaculado Coração triunfará». Que significa isto? Significa que este Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie. O ‘fiat’ de Maria, a palavra do seu Coração, mudou a história do mundo, porque introduziu neste mundo o Salvador: graças àquele «Sim», Deus pôde fazer-Se homem no nosso meio e tal permanece para sempre. Que o maligno tem poder neste mundo, vemo-lo e experimentamo-lo continuamente; tem poder, porque a nossa liberdade se deixa continuamente desviar de Deus. Mas, desde que Deus passou a ter um coração humano e deste modo orientou a liberdade do homem para o bem, para Deus, a liberdade para o mal deixou de ter a última palavra. O que vale desde então, está expresso nesta frase: «No mundo teréis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo» (Jo 16, 33). A mensagem de Fátima convida a confiar nesta promessa”.

CARDEAL JOSEPH RATZINGER

**COMENTÁRIO TEOLÓGICO
AO SEGREDO DE FÁTIMA**
26 de junho de 2000

(...)“Aprez-me pensar em Fátima como escola de fé com a Virgem Maria por Mestre; lá ergueu Ela a sua cátedra para ensinar aos pequenos Videntes e depois às multidões as verdades eternas e a arte de orar, crer e amar. Na atitude humilde de alunos que necessitam de aprender a lição, confiem-se diariamente, a Mestre tão insigne e Mãe do Cristo total, todos e cada um de vós e os sacerdotes vossos directos colaboradores na condução do rebanho, os consagrados e consagradas que antecipam o Céu na terra e os fiéis leigos que moldam a terra à imagem do Céu”(...).

BENTO XVI

10 de novembro de 2007

(...)“Antes de tudo, gostaria de expressar a minha alegria de ir a Fátima, de rezar diante de Nossa Senhora de Fátima, que para nós é um sinal da presença da fé; que justamente dos pequenos nasce uma nova força da fé, que não se reduz aos pequenos, mas que tem uma mensagem para todo o mundo e toca a história precisamente no seu presente e ilumina esta história(...). O importante é que a mensagem, a resposta de Fátima aos sofrimentos da humanidade e da Igreja-, não vai substancialmente na direção de devoções particulares, mas precisamente na resposta fundamental, ou seja, a conversão permanente, a penitência, a oração, e as três virtudes teológicas: fé, esperança e caridade.

Deste modo, vemos que a resposta verdadeira e fundamental que a Igreja deve dar, que nós, cada pessoa, devemos dar nesta situação. A novidade que podemos descobrir hoje, nesta mensagem,

reside também no fato que os ataques ao Papa e à Igreja vêm não só de fora, mas que os sofrimentos da Igreja vêm justamente do interior da Igreja, do pecado que existe na Igreja. Também isso sempre foi sabido, mas hoje o vemos de um modo realmente terrificante: que a maior perseguição da Igreja não vem de inimigos externos, mas nasce do pecado na Igreja, e que a Igreja, portanto, tem uma profunda necessidade de re-aprender a penitência, de aceitar a purificação, de aprender por um lado o perdão, mas também a necessidade de justiça. O perdão não substitui a justiça. Em uma palavra, devemos re-aprender precisamente estas coisas essenciais: a conversão, a oração, a penitência e as virtudes teológicas. Assim respondemos que somos realistas ao esperar que o mal ataca sempre; ataca do interior e do exterior, mas que também as forças do bem estão presentes e que, no final, o Senhor é mais forte do que o mal, e Nossa Senhora é para nós a garantia visível, materna, da bondade de Deus, que é sempre a última palavra na história”.

BENTO XVI

**RESPOSTA AOS JORNALISTAS
DURANTE O VOO PARA PORTUGAL**
11 de maio de 2010

(...)“Todos juntos, com a vela acesa na mão, lembrais um mar de luz à volta desta singela capelinha, amorosamente erguida em honra da Mãe de Deus e nossa Mãe, cujo caminho da terra ao céu foi visto pelos pastorinhos como um rasto de luz. Contudo nem Ela nem nós gozamos de luz própria: recebemo-la de Jesus. A sua presença em nós renova o mistério e o apelo da sarça ardente, o mesmo que outrora atraiu Moisés no monte Sinai e não cessa de fascinar a quantos se dão conta duma luz particular em nós que arde sem nos consumir (cf. Ex 3, 2-5). Por nós, não passamos de mísero silvado, sobre o qual pousou a glória de Deus. A Ele toda a glória, a nós a humilde confissão do próprio nada e a submissa adoração dos desígnios divinos que estarão cumpridos quando «Deus for tudo em todos» (cf. 1 Cor 15, 28). Serva incomparável de tais desígnios é a Virgem cheia de graça: «Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Sinto que me acompanham a devoção e o afecto dos fiéis aqui reunidos e do mundo inteiro. Trago comigo as preocupações e as esperanças deste nosso tempo e as dores da humanidade ferida, os problemas do mundo e venho colocá-los aos pés de Nossa Senhora de Fátima”(...)

BENTO XVI

**PROCISSÃO DAS VELAS DA
PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA**
12 de maio de 2010

(...)“Irmãs e irmãos muito amados, também eu vim como peregrino a Fátima, a esta «casa» que Maria escolheu para nos falar nos tempos modernos. Vim a

Fátima para rejubilar com a presença de Maria e sua materna protecção. Vim a Fátima, porque hoje converge para aqui a Igreja peregrina, querida pelo seu Filho como instrumento de evangelização e sacramento de salvação. Vim a Fátima para rezar, com Maria e tantos peregrinos, pela nossa humanidade acobrunhada por misérias e sofrimentos. Enfim, com os mesmos sentimentos dos Beatos Francisco e Jacinta e da Serva de Deus Lúcia, vim a Fátima para confiar a Nossa Senhora a confissão íntima de que «amo», de que a Igreja, de que os sacerdotes «amam» Jesus e n’Ele desejam manter fixos os olhos ao terminar este Ano Sacerdotal, e para confiar à protecção materna de Maria os sacerdotes, os consagrados e consagradas, os missionários e todos os obreiros do bem que tornam acolhedora e benfazeja a Casa de Deus.(...) Iludir-se-ia quem pensasse que a missão profética de Fátima esteja concluída. [...] Na Sagrada Escritura, é frequente aparecer Deus à procura de justos para salvar a cidade humana e o mesmo faz aqui, em Fátima, quando Nossa Senhora pergunta: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele mesmo é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» (...) Então eram só três, cujo exemplo de vida irradiou e se multiplicou em grupos sem conta por toda a superfície da terra, nomeadamente à passagem da Virgem Peregrina, que se votaram à causa da solidariedade fraterna. Possam os sete anos que nos separam do centenário das Aparições apressar o anunciado triunfo do Coração Imaculado de Maria para glória da Santíssima Trindade”.

BENTO XVI

**HOMILIA DA MISSA DA
PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL
ANIVERSÁRIA**
13 de maio de 2010

(...)“É com grande alegria que me encontro convosco neste lugar bendito que Deus escolheu para recordar à humanidade, através de Nossa Senhora, os seus desígnios de amor misericordioso(...) O cenário actual da história é de crise sócio-económica, cultural e espiritual, pondo em evidência a oportunidade de um discernimento orientado pela proposta criativa da mensagem social da Igreja.(...) Tudo isto bem se enquadra na mensagem de Nossa Senhora que ressoa neste lugar: a penitência, a oração, o perdão que visa a conversão dos corações. Esta é a estrada para se construir a referida civilização do amor, cujas sementes Deus lançou no coração de todo o homem e que a fé em Cristo Salvador faz germinar”

BENTO XVI

**DISCURSO PROFERIDO NO ENCONTRO
COM AS ORGANIZAÇÕES DA PASTORAL
SOCIAL**
13 de maio de 2010

CRONOLOGIA DE UMA LIGAÇÃO AFETIVA E TEOLÓGICA



14 DE OUTUBRO DE 2007

Depois da recitação do ‘Angelus’, Bento XVI dirige-se aos peregrinos do Santuário de Fátima reunidos na recém-dedicada Igreja da Santíssima Trindade, lembrando que no Santuário de Fátima, “desde há noventa anos, continuam a ecoar os apelos da Virgem Mãe que chama os seus filhos a viverem a própria consagração baptismal em todos os momentos da existência”.

10 DE NOVEMBRO DE 2007

No discurso aos bispos portugueses em visita “Ad Limina Apostolorum”, Bento XVI termina com uma referência a “Fátima como escola de fé”.

13 DE MAIO DE 2009

Em peregrinação à Terra Santa, na cidade de Belém, Bento XVI recordou as aparições de Fátima.

24 DE SETEMBRO DE 2009

Comunicado da Secretaria de Estado do Vaticano, informando que a 13 de Maio de 2010 Bento XVI presidirá à celebração aniversária da primeira aparição mariana em Fátima.

12 E 13 DE MAIO DE 2010

Bento XVI preside à peregrinação aniversária de Maio, na Cova da Iria. À chegada à Capelinha das Aparições, reza diante da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, junto da qual depõe a Rosa de Ouro. Nesse mesmo dia, depois de celebrar Vésperas com presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e seminaristas, preside à recitação do Rosário. No dia 13, Bento XVI preside à Missa no recinto de oração do Santuário de Fátima, dirige-se aos agentes da Pastoral Social e reúne com os bispos da Conferência Episcopal Portuguesa. Despede-se do Santuário de Fátima na manhã do dia 14. Já em Roma, recorda por várias vezes a visita pastoral a Portugal, nomeadamente na audiência geral e na oração do Regina Caeli. Nesta última ocasião, afirma, sobre a celebração de Fátima: “O que viveu, de facto, aquela imensa multidão, na esplanada do Santuário, onde todos éramos realmente um só coração e uma só alma? Foi um renovado Pentecostes”.

12 DE OUTUBRO DE 2013

A imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera na Capelinha chega a Roma e é levada de imediato até Bento XVI, no Mosteiro Mater Ecclesiae, onde foi recebida pelo Papa emérito que orientou uma breve jornada de oração.

21 DE MAIO DE 2016

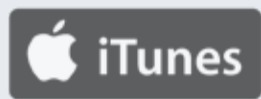
Já após a renúncia ao pontificado, Bento XVI rompeu o seu silêncio para reafirmar que a publicação do chamado ‘Segredo de Fátima’ ficou “completa após a divulgação da sua terceira parte, no ano 2000”.

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

Maria Amorim

Entrevista disponível em
www.fatima.pt/podcast

Também disponível em:



“A JMJ 2023 será um ponto de viragem na relação entre os jovens e a Igreja”

A afirmação é de Maria Amorim, psicóloga na Cáritas de Braga. Com 23 anos, integra a equipa da Pastoral Universitária e é uma das jovens convidadas para o podcast #fatimanoseculoXXI que, a partir do tema do ano pastoral no Santuário – Maria levantou-se e partiu apressadamente –, vai tentar perceber que pressa é esta que está no ar e motiva os jovens de hoje.

Carmo Rodeia

“Há pressa no ar... Acho que, nós jovens, temos uma ânsia diferente de ação, de fazer coisas; somos de facto uma geração diferente da dos nossos pais e da dos nossos avós. Nessa altura, as relações eram duradouras, até no trabalho. Hoje, temos uma geração que não se prende, que trabalha no imediato e para o imediato e, por isso, Fátima faz muito sentido para nos focarmos no essencial” afirma Maria Amorim no podcast #fatimanoseculoXXI de janeiro, que está disponível em www.fatima.pt/podcast e nas plataformas Spotify e iTunes.

“A Igreja convida-nos a fazermos caminho e nós estamos aqui para o iniciarmos, para o fazermos e o concretizarmos”

Este é o primeiro de uma série de podcasts com jovens a partir do tema do ano pastoral em Fátima – Maria levantou-se e partiu apressadamente –, sintonizado com a Jornada Mundial da Juventude (JM), que acontecerá em Lisboa de 1 a 6 de agosto e que trará a Fátima o Papa Francisco.

“Que pressa é esta?” é a pergunta crucial deste podcast, à qual Maria Amorim responde assim: “É a pressa da mudança: de sermos parte de uma comunidade, de fazermos algo e de sermos cada vez melhores.

Os jovens, hoje como ontem, querem mudar o mundo, sobretudo o mundo do seu metro quadrado, e queremos fazê-lo de forma rápida e queremos iniciar já o processo de mudança, sem esperarmos por outra oportunidade”.

“A Igreja convida-nos a fazermos caminho e nós

estamos aqui para o iniciarmos, para o fazermos e o concretizarmos” refere a jovem psicóloga da Cáritas de Braga, que considera a JM como uma oportunidade. “A JM 2023 será um ponto de viragem na relação entre os jovens e a Igreja” afirma, sublinhando a dimensão do “chamamento”.

“Por mais que nos tornemos ativos e participativos e sejamos agentes cristãos, este evento é de facto um momento tocante que fará com que os jovens se sintam chamados; é essencial percebermos que noutra zona do globo há uma pessoa que tem uma experiência de vida diferente, mas que acredita e se compromete como eu, apenas porque há dois mil anos um Homem deu testemunho. Jesus é o grande pilar da nossa fé. É Ele que nos une, e isso faz com que os que acreditamos nos sintamos interpelados a agir, isto é, a responder ao chamamento que a JM ajudará a desbloquear”, afirma.

“A JM é o culminar de um processo que cada um constrói, mas a peregrinação, nessa semana em particular, faz com que haja um chamamento, uma convicção de que o caminho é este” diz ainda, lembrando o colóquio entre Nossa Senhora e os Pastorinhos. “Estes dois jovens (Francisco e Jacinta Marto) são só mais dois jovens iguais a tantos outros e que espelham o que nós somos hoje: uns mais recolhidos, outros mais extrovertidos, que, tal como eles, nos entregamos de forma livre. Este é o ponto” refere, destacando que o diálogo entre os Pastorinhos e Nossa Senhora foi fundamental para “eles se entregarem”.

“O encontro com Jesus neste processo de preparação da JM é fundamental para cada um descobrir qual é o seu caminho”.

“As duas imagens deles somos nós, com idades diferentes. Olhando para o passado, acho que o testemunho que nos deixaram é que foram duas crianças que não precisaram de respostas nem certezas para se comprometerem; deram o seu ‘sim’ simplesmente crendo e confiando. Esse é o seu maior legado”, diz ainda.

E, da Mensagem, o que retêm os jovens?

“A nossa geração tem bastante dificuldade em desconstruir a palavra sacrifício”, sobretudo no meio de “tantas distrações e de tantas coisas que queremos ser e que ambicionamos, que é

difícil equacionar o lugar para a palavra sacrifício”. Mas “o compromisso existe; há um querer estar comprometido com uma causa, uma instituição, e isto também é ser Igreja. Agora existem muitos compromissos e, por vezes, falhamos”. A conversão “também faz sentido”, porque “queremos ser sempre melhores”.

“Vivemos numa sociedade da abundância; associamos o sacrifício a algo que nos exige abdicar de alguma coisa e isso, por vezes, é difícil, mas os jovens são comprometidos, podem e ter maneiras diferentes de expressar e viver a fé”, sublinha Maria Amorim e exemplifica com a oração: “A oração tem um lugar maior na vida dos jovens do que aquilo que se imagina. Muitas vezes, achamos que um jovem que não vai à missa não reza e isso não é necessariamente verdade. A oração é um exercício interior, que cada um faz como considera adequado à suas necessidades... Um jovem que todos os dias, à saída do trabalho, passa por uma Igreja e reza durante 10 minutos não tem menos fé. Se calhar, precisa é, por outro lado, de desenvolver um sentido de pertença a uma comunidade” refere.

“A doutrina que fomos recebendo não é suficiente para manter um jovem ativo e participativo numa comunidade cristã; a experiência é fundamental”

“A doutrina que fomos recebendo não é suficiente para manter um jovem ativo e participativo numa comunidade cristã; a experiência é fundamental; a fé não se alimenta de estruturas e de edifícios, mas de experiências e de questões”. “Os jovens anseiam por respostas, pois somos uma geração ligada à questão racional. E, na fé, muitas vezes encontramos mais questões do que respostas. A fé para um jovem não é nem pode ser algo abstrato” afirma, desafiando as comunidades cristãs a encontrar outros caminhos para o testemunho.

O podcast de Maria Amorim está disponível na íntegra em www.fatima.pt/podcast.



PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Padre António dos Santos Alves

De entre os primeiros registos escritos das aparições de 1917 está o interrogatório que o padre António dos Santos Alves fez a Lúcia e a Jacinta, em setembro desse ano, aquando da estada das videntes na Reixida, paróquia das Cortes, em Leiria. Nele, o pároco das Cortes sintetiza um depoimento onde são narradas as cinco aparições ocorridas até então, vindo a acrescentar posteriormente dados sobre a que ocorreu a 13 de outubro desse ano.

Diogo Carvalho Alves



As videntes Lúcia e Jacinta, na Reixida, Cortes, em setembro de 1917.

Entre o dia 15 ou 16 de setembro de 1917 e o dia 27 do mesmo mês, Lúcia de Jesus e Jacinta Marto estiveram hospedadas na casa de Maria do Carmo Marques da Cruz Meneses, no lugar da Reixida, paróquia das Cortes, Leiria. Foi durante essa estada que o pároco, padre António dos Santos

Alves, as interroga sobre as aparições que haviam ocorrido nos cinco meses anteriores.

Na sexta Memória, Lúcia evoca esta ida à Reixida como uma “boa lembrança”.

“Aí fui com a venerável Jacinta e aí passámos uns dias de mais tranqüilidade. Íamos à noite, com

essa Senhora e sua família, rezar o terço a uma capelinha que estava muito perto da sua casa. (...) Levou-nos um dia às Cortes, a casa de uma família que não sei se era sua parente. Aí nos encontramos com o pároco dessa freguesia, que nos fez algumas perguntas. E voltámos para Aljustrel, já um pouco refeitas do nosso cansaço”

O interrogatório - que foi assinado, mas não datado - está transcrito no primeiro volume da Documentação Crítica de Fátima, onde, a data de redação é definida como próxima do dia 17 de setembro, por comparação da caligrafia e da tinta usada pelo sacerdote nos livros paroquiais desse mesmo ano.

O registo, que apresenta duas redações, foi redigido em forma narrativa e deixa um relato breve de cada uma das aparições até então ocorridas, sendo que, na última redação, que terá sido apresentada e revista junto das videntes, é acrescentado um breve resumo da aparição de 13 de outubro.

O padre António dos Santos Alves nasceu a 13 de março de 1877, no Soutocico, concelho de Leiria, e faleceu a 19 de maio de 1956. Era pároco das Cortes, ao tempo das aparições e, posteriormente, celebrou inúmeras Missas na Cova da Iria, conforme se constata nos arquivos da Voz da Fátima.

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 9631-TEX.II.1117 | Autor desconhecido, 1950
Matéria têxtil | 540 x 112,5 cm



Sari

Dominantemente branco, o sari apresenta nos seus lados maiores três faixas de cor laranja, branca e verde, delimitadas por filete dourado, sendo a faixa central também ornada por florão, inspirado no Ashoka Chakra, um símbolo comum a várias religiões indianas. Evocam-se, assim, os elementos heráldicos da bandeira da Índia, adotada a 22 de julho de 1947. Ao contrário da maioria dos saris, as extremidades desta peça são iguais, possuindo três faixas horizontais, em tonalidades mais esbatidas de vermelho, azul-escuro e dourado, e verde, sendo a trama interrompida pouco antes do remate franjado da obra.

O sari é uma peça de vestuário feminino usada no subcontinente indiano e que tem a forma de uma longa faixa de tecido. São numerosas as formas de o usar, mas, de modo geral, pode-se dizer que este envolve o corpo da mulher como se de um vestido se tratasse, prendendo-se uma das suas extremidades à cintura e deixando a outra, por norma a mais elaborada do ponto de vista decorativo, pender do ombro.

O sari do Museu do Santuário de Fátima foi oferecido à Virgem Peregrina, aquando da sua primeira viagem à Índia, Paquistão e Ceilão, com lugar entre 24 de novembro de 1949 e 12 de agosto de 1950. A peça foi então usada para revestir a escultura hoje venerada na basílica de Nossa Senhora do Rosário, seguindo o costume também praticado com outras imagens da Virgem Maria veneradas nessa região.

Museu do Santuário de Fátima

Pingentes da Coroa Preciosa de Nossa Senhora de Fátima

Entre as peças mais características da Coroa Preciosa de Nossa Senhora de Fátima, constituída por joias oferecidas pelas Mulheres Portuguesas em agradecimento por Portugal não ter sido contado entre os países beligerantes na II Guerra Mundial, encontram-se os pingentes que laçavam a haste transversal da cruz com que a coroa é rematada.

A presença destes pingentes coloca a coroa da Virgem de Fátima na longa filiação das coroas que usam este tipo de estratégia visual na sua morfologia, entre as quais se encontram as coroas da antiguidade cristã ou, por exemplo, a Coroa de Nossa Senhora da Assunção

de Popayán (Colômbia), hoje no Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque, ou, ainda mais claro, a Coroa de Santo Eduardo, do Reino Unido, que, como foi opção em Fátima, apresenta precisamente a formulação da pérola a coroar a haste vertical da cruz e os pendentos a rematar a haste horizontal.

Documentação recentemente descoberta no arquivo do Museu do Santuário de Fátima permite saber a origem dos pendentos constituídos por 8 diamantes [um par nos pingentes principais, em talhe rosa com forma de pera (8,0 x 6,4 mm); dois pares em talha rosa com formato de pera e oval (3,7 x 3,2 mm); um par em

talhe rosa com formato de pera (2,7 mm)]. Assim se lê nesse documento: «A grande parte do legado [de Helena Couceiro Ferreira de Mesquita] foi aplicado [sic] na Corôa de Nossa Senhora. Pérolas, brilhantes e turquesas. Estas últimas muitas das que se vêem cravadas na bola que encima a corôa». O documento informa, ainda: «Destacamos os pingentes da cruz que fôram aplicados tal eram, como peça escolhida e que o próprio Leitão assim quis aplicar, por considerar a sua grande beleza. Estes pingentes eram uns brincos legados por D. Maria d'Assunção Pessoa de Amorim à legatária das joias» (MSF, D-2; 9421-9432.1-3).

FÁTIMA AO PORMENOR

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Lembrava-me estes dias da história de uma jovem mulher diagnosticada com cancro em estágio avançado que recebeu a visita de três jovens médicos em formação à sua cama de hospital. Os médicos, certamente ocupados com as boas práticas terapêuticas, conversavam entre si como se ela não estivesse presente. Cateteres, níveis de sangue, análises, procedimentos a, b e c, e todas as coisas importantes que o manual impunha que se verificasse. A mulher ainda tentou intercetar o diálogo como quem reclama a sua

Que interessa o que o Papa vai ler?

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

própria presença. Queria saudar os visitantes, dar dois dedos de conversa, talvez três se não fosse abuso, queria falar-lhes da sua pele sensível. Mas antes mesmo que ela conseguisse articular um sorriso ou um queixume, já eles lhe tinham arrancado uma amostra de pele e preparavam-se para seguir em frente para o próximo paciente.

Estranhamente, esta história veio-me à mente quando lia a pergunta, em tom de suspeita, sobre o que viria o Papa a ler das reflexões sobre a sinodalidade da igreja feitas um pouco por todo o mundo pelas diferentes comunidades cristãs, no âmbito do sínodo em curso. De síntese em síntese, rezava a suspeita, os documentos vão saindo cada vez mais depurados, talvez demasiado depurados e desencarnados, correndo-se o risco de o cristão anónimo dos vários cantos do

mundo não se ver já refletido no que virá a ser o texto final que o Papa lerá. A pergunta tem certamente o tom honesto de quem deseja um processo sinodal em que todos têm voz, mas ela denuncia precisamente uma lógica nos antípodas da subversão que a sinodalidade sugere à aventura de ser igreja. Na verdade, o documento final que Francisco lerá será porventura o que menos relevância tem neste processo. O que é de facto essencial é que o processo de se chegar a um documento se torne para a igreja uma aprendizagem dessa contínua tarefa e difícil bênção de ser igreja.

Quase sem se ter dado por isso, foi recentemente publicado o documento de preparação para a fase continental do sínodo. Esta descrição do texto pode até fazer-nos bocejar de aborrecimento, mas esta não é ocasião

de bocejo, mas de alegria e de compromisso. Senão vejamos: este texto é a elaboração de uma síntese feita a partir dos resumos trabalhados por quase todas as conferências episcopais de todo o mundo (112 das 114 conferências enviaram os seus relatórios) e de várias outras instituições eclesiais; estes reuniam, por sua vez, as sínteses diocesanas, que eram também elas fruto dos trabalhos feitos em paróquias e em movimentos, em pequenos grupos de pessoas concretas, centenas de milhares de pessoas em contextos verdadeiramente heterogêneos um pouco por todo o mundo. De síntese em síntese, os documentos foram sendo certamente depurados, mas os documentos são apenas a ponta do iceberg de um movimento verdadeiramente global de reflexão e de diálogo sobre as questões que nos queimam

por dentro enquanto igreja e sobretudo sobre o que significa ser igreja. Focar-se apenas nos documentos talvez sirva para verificar a lista das coisas importantes que o manual da eclesialidade impõe que se faça, todos os exames, procedimentos e intervenções, quem sabe até uma amostra de pele arrancada ao paciente despercebido. Mas dificilmente chegará a ser cuidado da igreja.

O que o documento de preparação para a fase continental denota é um processo verdadeiramente católico, isto é universal. Talvez pela primeira vez na história não só da igreja, mas da humanidade, haja tantos envolvidos numa dinâmica de diálogo aberto a uma escala global. Aprender a ser esta igreja de diálogo livre e verdadeiro é mais importante do que saber se o Papa chegará a ler a minha frase.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

A paz é um bem frágil, uma dádiva e uma construção, uma montanha íngreme a escalar, a fragrância que exala de vidas doadas e, simultaneamente, a terra fértil onde a vida pode germinar em múltiplos. Dizer o que a paz não é – como seja, ausência de: agressão, invasão e conflito – é demasiado redutor para dizer o que ela é. Sob a capa tranquilizadora da paz de ausência, desenvolvem-se tantas vezes lugares onde fermenta, dissimuladamente, a divisão e a corrupção de princípios possibilitadores de paz, como seja, a solidariedade e o bem comum.

A Europa, saída do flagelo da Segunda Guerra Mundial, fez da aliança entre os estados um caminho para a paz e para a prevenção de cenários semelhantes àquele. Uma unidade fragilizada pelo regatear de interesses económicos particulares e pelo incremento de posições políticas de extrema-direita, enquanto cedem à deterioração e à descredibilização as visões tradicionalmente mais conciliadoras. A olhos vistos, na

A paz: tanto promessa como tarefa

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

Ucrânia, o povo continua a viver o flagelo da guerra, movido por um ímpeto bárbaro e com concretizações cuja barbárie julgávamos ultrapassada. Será utopia a paz?

“A paz é montanha a escalar; é luta que exige vigilância”

A paz é montanha a escalar; é luta que exige vigilância. «Penseis que vim trazer a paz ao mundo? - disse Jesus - Não vim trazer a paz, mas uma espada» (Mt 10,34). Não me canso de pensar como todas estas paisagens espelham em macroescala os movimentos que cada um de nós carrega na sua interioridade pessoal e aos quais, dá aso ou não na microescala das suas decisões e relações. A paz ou a guerra germina num coração unificado ou dividido. É por isso, uma questão tão política como pessoal, empunhar com certa firmeza a luta contra os diabos que nos assolam (diabo, significa literalmente o que 'desune, que inspira ódio ou inveja'). Tudo está interligado. Ou se acolhe e se constrói a comunhão e a fraternidade a

partir do mais íntimo de nós mesmos, implicando-nos em transformar «lanças em foices e relhas de arado» (Is 2,4) à escala que nos é dado viver, ou viveremos sempre sem paz.

O Global Sisters Report dá nota de uma comunidade de religiosas dominicanas na Polónia que realiza «a missão da luz», no meio das trevas. Para além da guerra e da desolação, a treva diz respeito concretamente ao apagão causado pelo bombardeamento das centrais eléctricas. As religiosas atravessam a fronteira, viajando várias horas até ao convento de Zhovkva na Ucrânia para aí distribuírem velas e lanternas à população, minimizando a sua indigência.

A Epifania do Príncipe da Paz, como luz que rompe as trevas existenciais da humanidade, acontece sem barulho. O bem, a construção da paz, é comumente diligente, mas silenciosa; caminha passo a passo até à plenitude. Que o diga a Senhora do Coração Imaculado e Rainha da Paz. Ela acolheu totalmente em si mesma Aquele que é a paz, o único que pode unificar tudo em nós; e acolhendo-o, ensina-nos o caminho para a construção da paz: «Rezai, rezai muito», «é preciso que se emendem», «fazei tudo o que Ele vos disser».



Descodificar Fátima, refletir sobre a mensagem e encontrar a palavra de Deus são três propostas do Santuário com datas marcadas

De janeiro até outubro, as propostas do Santuário podem ser vividas presencialmente ou em formato on-line.

Carmo Rodeia

Uma das alterações que a pandemia nos impôs foi o uso de determinadas ferramentas para comunicarmos e levarmos Fátima mais longe abrangendo outro tipo de pessoas que, por variadas razões, não podem fazer a experiência de Fátima de forma física.

Os motivos foram diversos, desde a dificuldade de mobilidade aos constrangimentos sanitários que impediram uma deslocação à Cova da Iria. Mas nem por isso Fátima deixou de se fazer presente no aconchego de cada casa, permitindo até àqueles que, por

outros motivos, não puderam e continuam a não poder fazer a experiência da peregrinação a Fátima. As plataformas digitais são, por isso, um instrumento indispensável para se poder comunicar e viver Fátima. Nesse sentido, o Santuário tem procurado

ampliar as ofertas neste domínio, de modo a permitir a realização de “peregrinações virtuais” que passam, sobretudo, pelo estudo e reflexão do acontecimento, da mensagem e do Evangelho, que em Fátima ressoa uma e outra vez pela voz maternal da Senhora

do Rosário, como passa-testemunho de uma Palavra sempre nova, sempre atual, sempre carecida de ser ouvida e acolhida de modo renovado.

As propostas deste ano pastoral, que em janeiro ganham um novo vigor são, por isso, variadas.



desCodificar Fátima II edição

Todas as quartas-feiras de janeiro, entre as 21h15 e as 22h15

O Seminário desCodificar Fátima” está a decorrer durante o mês de janeiro, em formato digital, na plataforma Zoom, todas as quartas-feiras, entre as 21h15 e as 22h15.

Depois de uma primeira edição, há um ano, que contou com o interesse de mais de 200 participantes de oito países, o Santuário volta a oferecer, nas quartas-feiras de janeiro, o seminário on-line desCodificar Fátima, onde serão apresentadas duas sínteses por sessão sobre temas relacionados com o primeiro século do acontecimento de Fátima.

O webinar pretende dar resposta a muitas interrogações que Fátima suscita junto dos peregrinos e investigadores, fazendo chegar os resultados da investigação científica sobre Fátima a diferentes públicos, em diversas geografias.

Esta segunda edição irá debruçar-se sobre os seguintes

temas: a coroa preciosa de Nossa Senhora de Fátima e o jornal Voz da Fátima, no dia 4 de janeiro; a ritualidade da celebração da noite em Fátima e as obras de arte da Basílica da Santíssima Trindade, no dia 11; a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima e o Museu do Santuário de Fátima, na penúltima quarta-feira do mês; e o correio de Nossa Senhora de Fátima e as fotografias dos Santos Francisco e Jacinta Marto, no último dia do seminário, 25 de janeiro.

A formação será ministrada por: Marco Daniel Duarte, diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima; André Melícias e Sónia Vazão, do mesmo Departamento; Carmo Rodeia, diretora do Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima e pelo P. Joaquim Ganhão, capelão e diretor do Departamento de Liturgia do Santuário.

A proposta é idealizada para o público em geral e, concretamente, para investigadores das áreas das Ciências Humanas e Sociais (História, História da Arte, Antropologia, Sociologia, Geografia Humana, Filosofia, Teologia, Ciências Religiosas); estudantes universitários das áreas das Ciências Humanas e Sociais (História, História da Arte, Antropologia, Sociologia, Geografia Humana, Filosofia, Teologia, Ciências Religiosas); professores do ensino básico e secundário (áreas de História, História da Arte, Filosofia, Educação Moral e Religiosa Católica); e formadores, catequistas e outros agentes pastorais.

As inscrições para este curso on-line decorrem pela ordem de chegada, mediante o pagamento da taxa de inscrição de 20 euros. Os participantes que frequentarem, pelo menos, 75% das sessões do curso receberão um certificado de participação.

Lectio Divina

preparatória da Celebração do Domingo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

«Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo» S. Jerónimo

A CONTAS COM FÁTIMA

Conversas para crescer na fé, na esperança e no amor

Lectio Divina à sexta-feira, de janeiro a junho

20 e 27 de janeiro
3, 10, 17 e 24 de fevereiro
3, 10, 17, 24 e 31 de março
21 e 28 de abril
5, 19 e 26 de maio
2, 9, 16, 23 e 30 de junho

O Departamento de Liturgia do Santuário de Fátima está a promover uma *Lectio Divina* preparatória da celebração do domingo. Os encontros agendados são abertos a toda a comunidade e realizam-se na Sala do Espírito Santo, na Casa de Retiros de Nossa Senhora do Carmo.

O objetivo é que os ministros sejam vividos com a dignidade que a Liturgia requer, ajudando as pessoas a cimentar uma verdadeira e profunda espiritualidade.

Estes encontros são de participação livre, não carecem de inscrição, e podem ser frequentados por toda a comunidade.

Este momento formativo é um encontro semanal de escuta orante da palavra de Deus, e no fundo é um momento privilegiado da preparação do domingo, em ordem a uma participação mais ativa.

A contas com Fátima, no mês de outubro

13 e a 27 de outubro, às 21h00

A contas com Fátima: conversas para crescer na esperança e no amor é mais um encontro on-line dirigido sobretudo a jovens.

No mês especialmente dedicado ao Rosário, e a partir de um lugar que o tem como oração sempre presente, todos aqueles que procuram crescer na fé, na esperança e no amor são convidados a tomar parte em duas conversas informais, nas quais os protagonistas de cada uma serão desafiados a desfiar as contas da sua experiência de Fátima, partilha esta que se oferecerá como fermento para o crescimento interior de cada um dos participantes.

A inscrição é gratuita, mas sujeita a confirmação.

“Fátima é hoje uma - ou mesmo, a mais significativa - convergência eclesial a nível nacional e até, em muitos aspectos, para muito além do nosso país”

O sacerdote jubilado do Patriarcado de Lisboa, que foi detido pela PIDE para interrogatório antes do 25 de abril de 1974, falou com o Jornal Voz da Fátima a propósito do papel dos cristãos na concretização dos ideais da revolução dos cravos e na construção da Paz.

Carmo Rodeia

Este ano abrem as comemorações dos 50 anos do 25 de abril e comemoram-se os 50 anos da vigília da Capela do Rato. Desde então mudou o regime político, mas os ideais pelos quais sonhavam os que participaram na vigília cumpriram-se?

Vão-se cumprindo, vão-se cumprindo... Mas, estou em crer que podemos, e ser mesmo necessário, ir mais longe... Apesar das dificuldades, como povo nós somos capazes, mas sem nos deixar ficar numa indiferença alienadora ou num individualismo calculista ou, até, num desalento traduzido naquela visão derrotista do “fomos de caravela e voltámos de traineira”... Nos desafios da hora que vivemos, parece faltar-nos uma decidida vontade solidária e a efectiva correspondência a uma adequada e motivadora liderança democrática. A Revolução, que se comemora, leva uma data - 25 de Abril - mas, a concretização dos seus ideais, com crises, com avanços e recuos, implica o empenho de gerações, sujeitas às transformações no país - “o já e o ainda não...” - e, claro, à evolução do contexto internacional em que estamos inseridos. O Programa dos Militares de Abril sintetizava-se em três D - Descolonização, Democracia e Desenvolvimento. Os dois primeiros D foram-se concretizando, com uma permanente aprendizagem... O Desenvolvimento integral,

esse, é o grande desafio para a necessidade da Paz que, para nós - cristãos - é dom que suplicamos ao Príncipe da Paz e é construção solidária e inacabada. Como dizia há pouco o Cardeal Tolentino, a propósito das Jornadas Mundiais da Juventude, em 2023, há “imensos desafios epocais” que a sociedade tem de enfrentar, como “a crise ambiental e o futuro do planeta” e a “tentação que representam as visões radicais que pretendem promover versões melhoradas do ser humano e que correm o risco de redondear o valor da pessoa humana, da sua dignidade e liberdade”.

A paz, porque lutavam, sem condições socioeconómicas justas é apenas uma trégua, pois onde há fome e injustiça social não pode haver paz. Conseguiremos ultrapassar este círculo pouco virtuoso?

Lutemos por isso e lutemos de uma forma solidária, é o que nos é pedido. A Paz desejada - já nos recordava São João XXIII, em 1963 - assenta em quatro pilares: verdade, justiça, liberdade e solidariedade. Falha um destes pilares e falha a paz, pois a Paz não é só a ausência da guerra embora, para já, seja urgente e imperioso pôr fim a todos estes numerosos conflitos bélicos nesta “Terceira Guerra Mundial aos pedaços” que atingem, tão dramaticamente, vítimas inocentes, aos milhões, e cujas consequências humanitárias e ambientais já nos atingem ou ameaçam, implacavelmente. Como escreve o Papa Francisco, na Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2023, é fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio ambiental. As directrizes para a solução requerem uma abordagem integral para enfrentar a pobreza estrutural, as transformações demográficas, as migrações, e devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza... Por isso, o Papa diz: “Por favor, não se esqueçam que justiça social e ecologia estão profundamente ligados”.

Qual foi o contributo dos Cristãos na conquista da democracia e da liberdade em abril de 74?



Contributo “dos” cristãos? Diria antes, contributo “de” cristãos... Que cristãos?

Sentiu-se entre os cristãos uma tensão - “O 25 de Abril, entre o temor e a esperança”. A esperança daqueles que acolheram o 25 de Abril com grande entusiasmo pela correspondência a uma longa espera e, até, num esforçado empenho oposicionista ao regime então vigente; enquanto, numa maioria despolitizada e pressionada pela propaganda do regime, outros terão reagido com uma relativa expectativa, perante a desilusão do que foi a “primavera marcelista”, diante dos graves custos humanos e socioeconómicos da guerra em África em várias frentes, prolongando-se já desde o início dos anos sessenta... Creio poder dizer-se: a grande maioria dos cristãos, que se reconhecia como tal, aguardava a reacção da Igreja institucional, a qual - entre o medo dos “ultras” do regime deposto e um decidido avanço de outros fiéis - procurava entender a revolução na agitação dos acontecimentos e, quanto possível, descobrir nela os valores positivos que trazia consigo. Tudo isto, numa situação religiosa ainda marcada por aquilo que alguns denominam nacional catolicismo, ou seja, um catolicismo com grande dependência do poder político, com um estatuto de gratidão porque tinha adquirido a liberdade de culto e recuperado os bens confiscados na primeira República. Mas, em outros sectores eclesiais, nomeadamente em meios urbanos e geracionais, assumindo decididamente o espírito do Concílio Vaticano II, não

faltaram aqueles que quiseram ingressar na política ativa distribuindo-se pelos diversos partidos que se iam constituindo e, pelas suas anteriores inter-relações em movimentos católicos - o que julgo de realçar como um efetivo contributo - constituindo-se verdadeiras “pontes” entre as facções partidárias que se iam definindo.

Após o 25 de abril quis-se colar Fátima ao antigo regime e à direita. Como vê a questão?

Deixemos a resposta aos historiadores e aos interessados nessas matérias...

No presente, o que importa é continuar evangelicamente a “Servir”, com humildade e transparência, “ao jeito e pela força de Nosso Senhor Jesus Cristo”, e não “deixar-se servir pelos” ou “servir-se dos” poderes/interesses, mundanamente constituídos.

Com tudo o que vemos, ouvimos e vemos, para parafrasear Sophia, qual é o papel de Fátima na Igreja e na vida do mundo crente, e até não crente, dado que tantos que se afastaram da Igreja, em Fátima, dizem sentirem-se bem?

Fátima é hoje uma - ou mesmo, a mais significativa - convergência eclesial a nível nacional e até, em muitos aspectos, para muito além do nosso país. Vamos por esse mundo fora, entramos numa pequena igreja e lá encontramos a imagem de Nossa Senhora de Fátima. É a Mensagem e a devoção mariana que se universaliza.

Assim seja também a conversão que por ela nos é pedida e os frutos que dela resultam.

Em Fátima reza-se todos os dias pela Paz. Há cem anos foi esse o pedido que Nossa Senhora deixou. Havendo tantos devotos de Fátima, em Portugal e no mundo, não haveríamos já de ter condições para fazer a Paz?

Não creio ser tanto uma questão de quantidade de devotos, mas da qualidade dos mesmos... Não é os cristãos serem poucos ou serem muitos... é, antes, o serem - ainda - “pouco cristãos”... O pedido de Nossa Senhora aos Pastorzinhos é a conversão pessoal e, num processo permanente - pois, o “convertido” é obra de um momento (até o podemos registar) enquanto a “conversão”, essa, é obra de toda uma vida - irmos então, progressiva e em conjunto, “ter/criar as condições para fazer a Paz”.

Volto novamente à Mensagem do Papa Francisco: “Com grande frequência, neste nosso mundo que corre a grande velocidade, os problemas generalizados de desequilíbrios, injustiças, pobreza e marginalizações alimentam mal-estares e conflitos, e geram violências e mesmo guerras. Só a paz que nasce do amor fraterno e desinteressado nos pode ajudar a superar as crises pessoais, sociais e mundiais [...] Enfim, o que se nos pede para fazer? Antes de mais nada, deixarmos mudar o coração pela emergência que estivemos a viver, ou seja, permitir que, através deste momento histórico, Deus transforme os nossos critérios habituais de interpretação do mundo e da realidade. Não podemos continuar a pensar apenas em salvaguardar o espaço dos nossos interesses pessoais ou nacionais, mas devemos repensar-nos à luz do bem comum, com um sentido comunitário, como um «nós» aberto à fraternidade universal.

O Papa Francisco tem apelado à construção da Paz através do diálogo inter-religioso. Que papel pode desempenhar Fátima na concretização do texto desta encíclica que defende uma humanidade irmanada social e fraternalmente?

Recordo, quando ainda era seminarista, palavras ouvidas ao meu Patriarca, Dom Manuel

Gonçalves Cerejeira: “Não foi a Igreja que impôs Fátima. Foi Fátima que se impôs à Igreja”.

Então, a Igreja em Fátima há que prosseguir neste caminho - há muito iniciado - de fidelidade ao Evangelho, que é o cerne da Mensagem veiculada pelos Pastorinhos, e crescer como verdadeiro centro de convergência eclesial para ser a concretização de uma Igreja “em saída”, da qual o Papa Francisco tem sido o melhor exemplo, pelo seu magistério e diligente actividade pastoral. Assim nós o imitemos.

O sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia doutros tempos. Na sua encíclica Fratelli Tutti (30) o Papa Francisco reconhece que “no mundo actual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade”. Vemos como reina uma indiferença acomodada, fria e globalizada, filha de uma profunda desilusão que se esconde por detrás desta ilusão enganadora: considerar que podemos ser onipotentes e que nos encontramos todos no mesmo barco.

O isolamento e o encerramento em nós mesmos ou nos próprios interesses - diz o Papa - nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas, sim, a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; cultura do encontro, sim. Só se pode chegar verdadeiramente à paz quando houver um diálogo convicto de homens e mulheres que buscam a verdade para além das ideologias e das diferentes opiniões.

Que em Fátima, tal como nos lembra o Papa Francisco, sejamos interpelados: “O mundo não precisa de palavras ocas, mas de testemunhos convictos, de artesãos da paz abertos ao diálogo sem exclusões nem manipulações. Na escuta recíproca, podem crescer também o conhecimento e a estima do outro, até ao ponto de reconhecer no inimigo o rosto de um irmão. Por conseguinte, o processo de paz é um empenho que se prolonga no tempo. É um trabalho paciente de busca da verdade e da justiça, que honra a memória das vítimas e abre, passo a passo, para uma esperança comum, mais forte que a vingança. [...] Trata-se de uma construção social em contínua elaboração, para a qual cada um dá responsabilmente a sua própria contribuição, a todos os níveis da comunidade local, nacional e mundial”.

Hoje, objetivamente, há condições para haver Paz?

Que Paz? Em geral, com o termo paz tem-se entendido a ausência de conflitos internos, ou seja, conflitos familiares, grupais, comunitários, e conflitos externos, relativamente a um Estado ou a um povo. No entanto, o termo aparece-nos hoje com diferenças de significado radicais: vai desde o conceito de paz como trégua num processo bélico considerado infundável, o que é típico do pensamento clássico greco-latino, à

visão da paz como plenitude de vida e realização da justiça, característico da tradição judaico-cristã. A paz não é um documento que se assina e já está.

Na Bíblia é-nos apresentado um modo totalmente original de considerar a paz. A paz é descrita como a síntese de todos os bens que podem encher de felicidade o coração humano. Mas, antes de ser um dom de Deus ao homem e um projecto humano conforme o desígnio divino, a paz é, na visão bíblica, um atributo especial essencial de Deus: “Javé-Shalom”, “Deus-Paz”.

Na Revelação bíblica, a paz representa a plenitude da vida. Longe de ser uma mera construção nossa, é um supremo dom divino oferecido a todos os humanos, que comporta a obediência ao plano de Deus. A paz é o efeito da bênção de Deus sobre o Seu povo: «O SENHOR volte para ti o seu rosto e te dê a paz» (Num 6,26). Tal paz gera fecundidade (cf. Is 48,19), bem-estar (cf. Is 48,18), ausência de medo e alegria profunda (cf. Pr 12,20). A paz é, assim, apresentada como a meta da convivência social, como aparece, de modo extraordinário, na visão messiânica da paz: quando todos os povos forem para a casa do SENHOR e Ele indicará a eles os seus caminhos, estes poderão caminhar ao longo das veredas da paz (cf. Is 2,2-5). Um mundo novo de paz, que abraça toda a natureza, é prometido para a era messiânica (cf. Is 11,6-9) e o próprio messias é definido «Príncipe da Paz» (Is 9,5).

A pergunta é se é possível a Paz entre os homens...

Poderia responder-lhe com as palavras de São Paulo VI na, agora tão recordada, Mensagem para o Dia Mundial da Paz 1973: «A paz é possível, se for verdadeiramente querida; e se a paz é possível, ela é obrigatória. Isto significa descobrir aquelas forças morais que são precisas, para resolver positivamente o problema da paz. É necessário, dizíamos uma outra vez, ter a coragem da paz. Uma coragem de altíssima qualidade, não a da força bruta, mas a do amor: todos os homens são meus irmãos, e não pode haver paz sem uma nova justiça, repetimos [...]. Procurai ter a sabedoria de fixar sobre esta certeza paradoxal [a paz é possível] a vossa atenção; aplicai nela a vossa energia; depositai nela, apesar de tudo, a vossa confiança; fazei dela tema para a opinião pública, com a vossa capacidade persuasiva, não para amolecer os ânimos das novas gerações, mas para os fortalecer em ordem a um sentir mais humano e mais viril; procurai alicerçar e construir na verdade, na justiça, na caridade e na liberdade, a paz para os séculos vindouros, e começar já do ano de 1973 a reivindicá-la como possível, ao saudá-la como algo real!».

A nossa missão, hoje, é criar solidariamente, ou seja, juntos, com tudo o que está ao nosso alcance, as condições necessárias para que a Paz seja possível.

Seria útil criar em Portugal uma Plataforma Nacional de Diálogo, guiada pelo Evangelho e inspirada pelos textos papais “Laudato Si” e “Fratelli tutti”. Um espaço alargado de abertura ao mundo, “tenda” para todos acolher e escutar, seguindo o método sinodal.



OPINIÃO

Rui Saraiva

Um espaço alargado para a escuta e o diálogo

Em outubro passado foi apresentado o documento de trabalho para a nova fase do Sínodo. O caminho sinodal inaugurado pelo Papa Francisco em 2021 colocou em movimento a Igreja para um profundo processo de discernimento coletivo, promovendo a participação, o encontro, a escuta e o diálogo.

Neste documento, a Secretaria Geral do Sínodo recolhe o contributo de 112 conferências episcopais, de 15 Igrejas Orientais Católicas, de 17 dicastérios da Cúria Romana e também de tantos movimentos, associações, pessoas singulares e grupos. As sínteses sinodais enviadas após a consulta diocesana, permitiram fazer uma leitura do caminho realizado e das reflexões produzidas.

O texto agora apresentado dá “uma ideia da riqueza dos materiais recebidos, permitindo fazer ecoar a voz do Povo de Deus de todas as partes do mundo” sublinhando “a riqueza da experiência que as diversas Igrejas realizaram, pondo-se a caminho e abrindo-se à diversidade das vozes que tomaram a palavra”.

“O sentido do caminho sinodal é permitir este encontro e este diálogo, cuja finalidade não é produzir documentos, mas abrir horizontes de esperança para o cumprimento da missão da Igreja”, refere o texto.

Mais espaço na “tenda”

A Igreja em processo sinodal está a colocar em caminho milhões de pessoas em todo o mundo que se sentem “implicadas nas atividades do Sínodo”, refere o documento da Secretaria Geral do Sínodo.

“Um participando em encontros a nível local, outras colaborando na animação”, este processo está a recolher os contributos dos que se aproximam.

Para esta nova fase do Sínodo é assumida como inspiração uma frase do profeta Isaías que leva a pensar “a Igreja como uma tenda”. “A tenda da reunião, que acompanhava o povo durante o caminho no deserto”, lê-se no documento.

A frase é: “Alarga o espaço da tua tenda, estende sem medo as lonas que te abrigam, e estica as tuas cordas, fixa bem as tuas estacas” (Is 42,2).

Nesta nova fase é lançado o desafio de ser alargado o espaço da tenda, ou seja, do caminho da Igreja, abrindo-a ao acolhimento dos outros. “Alargar a tenda exige acolher outros no seu interior, dando espaço à sua diversidade”, aponta o texto.

Trata-se de uma proposta que sublinha “a visão de uma Igreja capaz de uma inclusão

radical, de pertença mútua e de profunda hospitalidade segundo os ensinamentos de Jesus”. Uma visão que “está no centro do processo sinodal”.

“Esta tenda é um espaço de comunhão, um lugar de participação e uma base para a missão”, refere o documento.

Nesta grande tenda alargada cabem, desde logo, as sínteses sinodais enviadas na primeira fase, que são expressão da escuta do povo de Deus iniciada em 2021 nas dioceses de todo o mundo.

Acolhimento, oração, escuta e diálogo

O documento agora publicado assinala que os participantes no processo sinodal pedem mais transparência na vida da Igreja. As sínteses nacionais revelam que na Igreja ainda “permanecem obstáculos estruturais, entre os quais: estruturas hierárquicas que favorecem tendências autocráticas; uma cultura clerical”.

Para evitar esta perceção de uma cultura clerical, torna-se essencial a criação de projetos de envolvimento dos cristãos com a sociedade, em chave sinodal. Aproveitando a dimensão crescente do Sínodo, que agora passa da realidade diocesana e nacional para um âmbito continental,

A este propósito creio que seria útil criar em Portugal uma Plataforma Nacional de Diálogo, guiada pelo Evangelho e inspirada pelos textos papais “Laudato Si” e “Fratelli tutti”. Um espaço alargado de abertura ao mundo, “tenda” para todos acolher e escutar, seguindo o método sinodal.

O processo sinodal em curso, iniciado pelo Papa Francisco, é uma grande oportunidade pastoral que permite aplicar o Concílio Vaticano II. Partindo sempre da oração e da escuta da Palavra de Deus, o método sinodal coloca-nos em caminho. Um caminho conjunto, como nos diz a etimologia da palavra Sínodo, ou seja, lado a lado, em abertura pastoral aos irmãos e ao mundo.

O novo documento prepara a fase continental de 2022/2023 tendo sido enviado às dioceses para reflexão e análise. Cada conferência episcopal recolherá neste mês de janeiro os contributos das dioceses e formulará uma síntese que será depois partilhada nas Assembleias Continentais que decorrem nos meses de janeiro a março de 2023. Na Europa será em Praga, na República Checa, de 5 a 9 de fevereiro. Em outubro, em Roma, será a primeira sessão do Sínodo.

Setúbal elege nova presidente para Secretariado Diocesano

Secretariado Diocesano de Setúbal



No dia 5 de novembro, esteve reunido o Conselho Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima da diocese de Setúbal. Aceitaram estar presentes e acompanhar os nossos trabalhos o presidente, Filipe Ferreira, e o tesoureiro, Joaquim Duarte, que integram o Secretariado Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima. Este encontro teve lugar na Igreja de S. Paulo, em Setúbal, por cortesia do padre Luís Matos.

Após a oração de Laudes, o administrador diocesano, padre José Lobato, deu início à ordem de trabalhos prevista para a manhã. A reflexão proposta foi o tema do Ano Pastoral e das Jornadas Mundiais da Juventude “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39). O pre-

sidente, Filipe Ferreira, começou por relacionar este tema com o do ano anterior, “Levanta-te! És testemunha do que viste”. Em ambos é fundamental o verbo “levantar-se”. Em ambos há um apelo a que nos ergamos. Mas este ano somos convidados a meditar na atitude de Maria, que, após a Anunciação, não se vira para si própria, mas parte, põe-se a caminho! Quem é tocado por Jesus não se centra em si mesmo, não consegue ficar parado, pois a imensa alegria espiritual do encontro com Jesus impele ao anúncio da Boa Nova.

Seguiram-se as intervenções dos grupos paroquiais da vigararia de Setúbal (paróquias de S. Julião, S. Paulo, S. José e Faralhão), da vigararia de Palmela/

Sesimbra (paróquias de Azeitão, Sesimbra e Quinta do Conde), da vigararia de Almada (paróquias de Almada, Pragal, Cova da Piedade) e da vigararia de Barreiro/Moita (paróquia da Moita).

Antes do início do processo eleitoral, a presidente do Secretariado Diocesano cessante, Ana Bugarim, tomou a palavra para fazer memória, com os mensageiros presentes, da caminhada vivida durante os anos em que esteve no Secretariado Diocesano de Setúbal.

Foi eleita a nova presidente do Secretariado Diocesano de Setúbal, Marília Ferreira.

E, por fim, foi celebrada a Eucaristia em ação de graças pelo Movimento da Mensagem de Fátima e pela nossa nova presidente.

Portalegre reuniu em Conselho Diocesano extraordinário

Alfredo Serra



No dia 26 de novembro, o Movimento da Mensagem de Fátima da diocese de Portalegre-Castelo Branco reuniu em conselho extraordinário no salão paroquial da Tramaga (Ponte de Sor). Este órgão colegial teve a participação de cerca de quatro dezenas de mensageiros, representantes de vinte e um dos trinta e seis grupos que na respetiva paróquia desenvolvem a Pastoral no carisma da Mensagem de Fátima. O secretariado Nacional fez-se representar nas pessoas do assistente nacional, padre Daniel Mendes, e do tesoureiro, Joaquim Duarte. O Bispo Diocesano acompanhou os trabalhos durante todo o dia, tendo presidido às orações iniciais e de clausura e também à celebração da Eucaristia.

O padre Daniel Mendes dissertou brevemente sobre o tema adotado para este ano pastoral de 2022-2023, em linha com as Jornadas Mundiais da Juventude. Os mensageiros foram assim desafiados a suportar a ação pastoral

com a mesma atitude da Virgem Maria: “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc, 1, 39).

Para além da apresentação do Plano de Atividades do Secretariado Nacional para as dinâmicas do Movimento, o Conselho Diocesano aprovou o Plano de Acção Pastoral 2022/23 proposto pelo Secretariado Diocesano, o qual foi aprovado por unanimidade.

O Bispo Diocesano apresentou ao Conselho de Mensageiros a necessidade de substituição do até agora assistente diocesano do Movimento, Diác. Francisco Alves, e informou ser sua intenção nomear um novo assistente diocesano do Movimento, o Diác. Alfredo Serra. Face à subsequente incompatibilidade estatutária de função do atual presidente, o Conselho Diocesano elegeu, por voto secreto, a actual vice-presidente, Deolinda Taborda dos Santos, para o cargo de presidente do Secretariado Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima de Portalegre-Castelo Branco.

Ser Mensageiro com alegria e dedicação

Margarida Matos | Secretariado Diocesano de Coimbra

No dia 22 de outubro 2022, realizou-se o Conselho Diocesano anual do Movimento Mensagem de Fátima de Coimbra, no Seminário Maior de Coimbra. Foram acolhidos os representantes dos Secretariados Paroquiais de Almagreira, Ceira, Condeixa, Corticeiro de Cima, Lamarosa, Mira, Praia de Mira, Santa Cruz, Santiago da Guarda, Seixo de Mira, São Pedro de Alva, Soure, Torres do Mondego e Vidual de Cima.

O encontro decorreu segundo a ordem de trabalhos definida, num dia agraciado pelo vento e muita chuva, com muito calor humano, fé e devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A recitação do terço teve por base o tema “Com Maria, Mãe e Ra-

inha da Criação”, contemplando os Mistérios da Alegria e invocação da Paz. As meditações foram inspiradas na Encíclica Laudato Si’ do Papa Francisco.

Seguiu-se a reflexão do P. Daniel Mendes, assistente nacional do MMF, sobre o tema “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39). A sua apresentação fundou-se na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Christus Vivit do Santo Padre Francisco, nomeadamente, na analogia entre a árvore e os alicerces da fé, e foi dividida em duas partes: “A Igreja em saída” e “Movimento da Mensagem de Fátima”. Deu relevância à missão de cada Mensageiro em ser testemunha e anunciar a mensagem, assentando em vários pilares: a soli-

cidade de Maria como modelo de solicitude pastoral; a alegria expansiva de Maria; a universalidade de Fátima e a centralidade da Mensagem. Neste sentido, o P. Daniel Mendes exortou à renovação dos secretariados e à abertura ao outro, nomeadamente aos jovens, procurando viver a Mensagem de Fátima como caminho de santidade. A Ir.^a Marta Couto, responsável do Setor Juvenil do MMF Nacional, apelou à participação dos jovens nas atividades do MMF, apresentou o programa “What’s Fatima” e informou que o MMF está a preparar um programa especial para os jovens participantes nas JMJ, associado aos “Dias na Diocese”.

Quanto ao dinamismo que se

pretende dos secretariados, foram delineadas três dimensões principais:

Organização – É importante saber quem somos, quantos somos e onde estamos. Pretende-se assim, melhorar a comunicação interna, atualizar as bases de dados, convidar e agregar, captando novos associados e novos coletores.

Espiritualidade – A importância da reunião mensal para a oração, reparação, adoração e prática dos primeiros sábados.

Evangelização – Participação nos retiros anuais de Responsáveis, promoção e participação nos Dias de Deserto, visita e apoio aos secretariados paroquiais, promoção de peregrinações, desenvolvimento do setor

dos pequenos mensageiros e do setor juvenil.

De acordo com o programa, seguiu-se a apresentação do Relatório de Atividades 2021/2022 e do Plano de Atividades de 2022/2023 pelo Secretariado Diocesano.

Após a Eucaristia e o almoço no Seminário, os representantes dos Secretariados Paroquiais apresentaram também os seus Relatórios e Planos de Atividades dos anos correspondentes. Com alegria, dedicação e espírito Mensageiro continuam o seu trabalho, lançando o olhar atento e a mão aos mais frágeis, como nos sugere Maria.

O encerramento ficou a cargo do assistente diocesano, Cón. João Castelhana.

Como caminhar para sermos um só?

O Encontro de Jovens Mensageiros MMF, subordinado ao tema “Como caminhar para sermos um só?”, decorreu no dia 15 de outubro, em Castelo Branco.

Setor juvenil MMF Portalegre-Castelo Branco

Naquele sábado soalheiro, onze jovens rumaram à Casa Paroquial de Santa Maria, da paróquia de S. Miguel da Sé, em Castelo Branco.

Por entre jogos de conhecimento mútuo e laços fraternais, o dia foi preenchido com exercícios de reflexão sobre a Palavra e de oração, na descoberta de si e do outro, no encontro com Deus, à luz da Mensagem de Fátima, sempre com um sentido peregrino de que este caminhar se faz lado a lado, para sermos um só, e podermos dizer: «Não nos ardia cá dentro o coração?» (Lc 24, 13-35).

Depois do almoço, o tempo lúdico-cultural, sob o formato de peddy-paper, propiciou o encontro com a matriz judaico-cristã na visita ao Museu-Casa da Memória Judaica, na cidade albacastrense. Ali, os jovens foram confrontados com a autenticidade da fé no Deus único e Criador de todas as coisas tes-

temunhada, perante os Inquisidores, pela judia Maria Gomes, nova-cristã, presa em 1636 pela Inquisição, quando tinha 115 anos de idade, acusada de heresia, por suposta continuidade do culto da fé no Judaísmo, tendo sido com 117 anos a mais idosa vítima da Inquisição.

Na condução do programa esteve o responsável do Secretariado Diocesano pelo setor juvenil do Movimento. A direção espiritual focada no tema do Ano Pastoral «Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc.1,39) foi orientada pelo diácono Alfredo Serra, presidente do Secretariado Diocesano.

No final, todos se disseram mais comprometidos neste caminhar juntos em abraço mensageiro e, com sentido de missão, separaram-se felizes, continuando ligados também pelas redes sociais e na força unida da oração, até ao próximo Encontro.



Responsáveis do MMF iniciam novo ano pastoral centrados no essencial

Secretariado Nacional MMF

“O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração”: a célebre frase de O príncipezinho, de Antoine de Saint-Exupéry, resume a experiência de encontro e descoberta pessoal de quem fez retiro nos dias 21, 22 e 23 de outubro.

Confidenciava uma das participantes no final do encontro: “Vou de coração cheio, ao fim de tantos anos, a descoberta da terceira pessoa da Santíssima Trindade foi maravilhosa! O sentimento que levo é de paz e abertura interior”.

O tema do encontro foi o Espírito Santo. O P. Dário Pedroso recordou que muitas vezes nos esquecemos do Espírito Santo na nossa oração, falamos de e com Jesus, adoramos a Deus, mas esquecemo-nos do Espírito Santo!

O que falta à Igreja é escutar o Espírito Santo. O que Deus tem para dizer a cada um de nós só o Espírito Santo sabe, mas como ele mora no sacrário que é o nosso coração, se nos predispuermos a ouvir, conseguiremos escutar o que Deus nos tem a dizer. O Espírito Santo está dentro do coração de cada um de nós; bastará deixá-lo atuar, deixá-lo trabalhar em silêncio e estaremos mergulhados no querer de Deus e, assim, mais aptos para servirmos os irmãos.

Ficou o desafio de termos a coragem de parar, de olharmos para o interior, de mergulharmos no dom gratuito que habita cada um de nós e de aceitarmos a graça que é receber os segredos de Deus no nosso coração.

Deus, tu plantaste o Teu olhar no meu coração!

Entre os dias 4 e 6 de novembro de 2022, decorreu em Fátima o segundo turno do Retiro de Reparadores. O Encontro contou com a presença de 34 participantes que, desafiados a saborear o silêncio e a deixarem-se habitar por Deus, foram respondendo de forma positiva às interpelações da orientadora Ana Carvalho, nova responsável nacional do Setor da Oração do Movimento Mensagem de Fátima. O grupo foi também acompanhado pelo assistente nacional, P. Daniel Mendes

Fazer silêncio mostrou-se uma dificuldade para muitos dos participantes; abrir o coração e o espírito e deixar-se habitar por Deus é de facto tarefa árdua, mas tão gratificante!

“Logo após a primeira meditação tive a certeza de que estava no sítio certo”, dizia uma participante no fim do

Encontro. Esta mesma participante referia que hesitou em vir (tantas solicitações da família do trabalho, das nossas correrias diárias). A dúvida também nos habita, as escolhas diárias que temos de fazer precisam de ser purificadas.

Foi tempo oportuno de fazer companhia a Jesus no sacrário interior que é o nosso coração, de fazer revisão de vida, de rezar em conjunto.

Colocando em prática o desafio deixado pelo Papa Francisco foi tempo de arriscar e de fazer diferente. Os ecos foram positivos. Deixamos o convite a todos os Mensageiros Reparadores para que participem no próximo Encontro e possam usufruir de uma experiência que quase não se consegue descrever numa notícia, pelo que o melhor é vivenciá-la. Esperamos por vós de 03 a 05 fevereiro 2023.



Mensagens dos Papas para o Dia Mundial da Paz e a profecia do Evangelho

Este ano iniciam-se em abril as comemorações dos 50 anos do 25 de abril de 1974, em Portugal. Também este ano se assinala o cinquentenário da investida policial contra uma Vigília pela Paz, motivada pelos apelos de Paulo VI, a favor do fim da Guerra do Ultramar, que haveria de celebrar a Capela do Rato. O tema da Paz e Fátima estiveram sempre sintonizados. Desde logo, porque a oração do terço em Fátima pedida por Nossa Senhora, de forma reiterada, tinha como intenção a Paz, não como ausência de guerra mas como itinerário para o verdadeiro encontro com Deus. Ainda hoje se reza diariamente pela Paz, em Fátima, e pelo Santo Padre, que a 8 de dezembro de 1967, sete meses depois de ter visitado Fátima, decretou o primeiro dia do ano como o Dia Mundial da Paz.

Carmo Rodeia

No dia 30 de dezembro de 1972, um grupo de católicos, a que se associariam não católicos, organizou uma vigília de 48 horas, na Capela do Rato, em Lisboa, para meditar sobre a paz e sobre a situação vivida nas guerras coloniais. Tal

intenção foi acompanhada por panfletos, com o título “Tornar a paz possível”, distribuídos nos dias 30 e 31 à porta de várias igrejas de Lisboa e do sul do Tejo.

A comunidade da Capela do Rato procurava alertar as consciências contra a guerra colonial, a partir da mensagem do próprio Papa Paulo VI para o Dia Mundial da Paz que se comemoraria a 1 de janeiro de 1973. A Capela acabou por ser invadida pelas forças policiais. O grupo foi todo identificado e 14 pessoas detidas, algumas delas durante duas semanas na prisão de Caxias. Os acontecimentos do final de ano de 1972 e janeiro de 1973 teriam repercussões na Assembleia Nacional, nomeadamente uma troca de argumentação política entre a bancada do regime e a da Ala Liberal.

Em Fátima, um jovem sacerdote, o padre Luciano Guerra, começava a escrever vários artigos de opinião assumindo no ano de 1973 a Reitoria do Santuário. Nessa altura passou a assinar aquele que viria ser o espaço de editorial onde as questões da paz seriam tema recorrente.

D. António Ribeiro assumira a liderança da Igreja em Lisboa, há um ano, e iniciava uma série de reformas de natureza pastoral, sob a métrica conciliar, procurando reunificar o clero e os fiéis da diocese de Lisboa em torno do bispo e promovendo, por fim, uma demarcação da hierarquia relativamente ao regime. Mas eram passos que ainda não tinham o impacto devido, embora fortemente inspirados pelo movimento de Roma, iniciado na década de sessenta por João XXIII, promotor do *aggiornamento* para a convocatória do Concílio Ecuménico e autor das encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963), na tentativa de ensaiar uma abertura do catolicismo à modernidade. Esta Encíclica constitui, aliás, um marco histórico no relacionamento da Igreja com a sociedade. Por um lado, é a primeira Encíclica dedicada à paz; por outro, dirige-se não só, como era costume, aos religiosos e aos crentes, mas também “a todos os homens de boa vontade”. Os temas tratados são de uma amplitude verdadeiramente universal: os direitos humanos, a democracia, o desarmamento, as organizações internacionais, o relacionamento dos católicos com os não católicos na tarefa da promoção do bem comum, numa altura em que o mundo se encontrava numa situação de grave desordem. Contrariamente à expectativa de progresso com que começara o século, a humanidade viveu, em sessen-

ta anos de História, duas guerras mundiais, a afirmação de devastadores sistemas totalitários e a acumulação de imensos sofrimentos humanos.

Apenas dois anos antes da sua publicação, em 1961, fora erguido o Muro de Berlim, separando dois mundos, que além da Alemanha separava a humanidade inteira, entre os blocos ocidental e de leste.

Por outro lado, poucos dias depois do início do Concílio Vaticano II, em Roma, o mundo esteve à beira duma catástrofe nuclear, quando a União Soviética decidiu enviar mísseis com ogivas nucleares para Cuba, pondo várias cidades dos Estados Unidos dentro do seu alcance. Esta crise parecia também indiciar que a estrada para um mundo de paz, justiça e liberdade estava bloqueada.



Paulo VI, na Encíclica *Populorum Progressio*, de 1967, dedicada ao desenvolvimento, insiste no dever de “promover o desenvolvimento integral da pessoa toda e de todas as pessoas”, porque “o desenvolvimento é o novo nome da paz”.

É neste contexto que surgem as mensagens para o Dia Mundial da Paz, reveladoras do desejo dos Papas de um progresso harmonioso da comunidade humana, oferecendo o Cristianismo não apenas como uma experiência religiosa, mas também como um projeto de sociedade.

O Dia Mundial da Paz

No dia 8 de dezembro de 1967, o papa Paulo VI assinava a mensagem que proclamava o dia 1 de janeiro de cada ano como Dia Mundial da Paz, dando assim início a uma tradição que haveria de ser continuada pelos seus sucessores. Dizia o Papa no início desta men-

sagem: “Dirigimo-nos a todos os homens de boa vontade, para os exortar a celebrar o “Dia da Paz,” em todo o mundo, no primeiro dia do ano civil, 1 de janeiro de 1968. Desejaríamos que depois, cada ano, esta celebração viesse a repetir-se, como augúrio e promessa, no início do calendário que mede e traça o caminho da vida humana no tempo que seja a Paz, com o seu justo e benéfico equilíbrio, a dominar o processar-se da história no futuro”.

A partir de então, para assinalar o dia 1 de janeiro como o Dia Mundial da Paz, a Santa Sé divulgava a mensagem do Papa, dirigida a todos os cristãos e homens de boa vontade. É neste pontificado que nasce a decisão de criar o Dia Mundial da Paz, para assinalar o seu sentido pleno que implica não só a eliminação da guerra, mas, sobretudo, a instauração de uma ordem marcada por uma justiça mais abundante entre todos os homens e nações de modo a formarem uma comunidade verdadeiramente solidária e fraterna.

Para Paulo VI promover a paz era um dever. Dizia ele que a paz “está intrinsecamente ligada ao reconhecimento ideal e à instauração efetiva dos Direitos do Homem. A estes direitos fundamentais corresponde também um dever fundamental, que é exatamente a paz”. “Desejaríamos que depois, a cada ano, esta celebração viesse a repetir-se, como augúrio e promessa, no início do calendário que mede e traça o caminho da vida humana no tempo que seja a Paz, com o seu justo e benéfico equilíbrio, a dominar o processar-se da história no futuro”.

“A proposta de dedicar à paz o primeiro dia do novo ano – explicou em sua mensagem – não tem a pretensão de ser qualificada como exclusivamente nossa,

religiosa ou católica. Antes, seria para desejar que ela encontrasse a adesão de todos os verdadeiros amigos da paz”.

No texto, o Pontífice expressava o seu desejo de que esta iniciativa ganhasse adesão ao redor do mundo com “caráter sincero e forte de uma humanidade consciente e liberta dos seus tristes e fatais conflitos bélicos, que quer dar à História do mundo um devir mais feliz, ordenado e civil”.

Portanto, o Dia da Paz Mundial é um dia a ser celebrado pelos “verdadeiros amigos da Paz”, independente de credo, etnia, posição social ou económica.

Entre 1968 e 1978, Paulo VI dirigiu onze mensagens à comunidade internacional com a esperança de que elas venham a receber o mais amplo consenso no mundo civil. A reflexão do sucessor de Pedro, desde então, centra-se no momento histórico de cada tempo, oferecendo uma reflexão assente nos princípios fundamentais do catolicismo como um valioso contributo para a dignificação humana.

A cada ano, a mensagem do Pontífice chama a atenção para algum aspeto em evidência relacionado com a paz, o que pode envolver temas ligados aos direitos humanos, à justiça social, ao diálogo entre culturas e entre religiões, entre tantos outros que fazem parte da Doutrina Social da Igreja.

A finalidade é “levar os homens a corresponderem, com o auxílio também da reflexão racional e das ciências humanas, à sua vocação de construtores responsáveis da sociedade terrena”. Ou seja, é importante ressaltar que temas como a paz, a justiça social, a pobreza, o diálogo intercultural e inter-religioso não são uma novidade no Pontificado do Papa Francisco, mas fazem parte do Magistério da Igreja Católica.



Pontificado **PAPA FRANCISCO**

2022	<i>Diálogo entre gerações, educação e trabalho: instrumentos para construir uma paz duradoira</i>
2021	<i>A cultura do cuidado como percurso de paz</i>
2020	<i>A paz como caminho de esperança: diálogo, reconciliação e conversão ecológica</i>
2019	<i>A boa Política está ao serviço da paz</i>
2018	<i>Migrantes e refugiados: homens e mulheres em busca de paz</i>
2017	<i>A não-violência: estilo de uma política para a paz</i>
2016	<i>Vence a indiferença e conquista a paz</i>
2015	<i>Já não escravos, mas irmãos</i>
2014	<i>Fraternidade, fundamento e caminho para a paz</i>



Pontificado **PAPA BENTO XVI**

2013	<i>Bem-aventurados os obreiros da paz</i>
2012	<i>Educar os jovens para a justiça e a paz</i>
2011	<i>Liberdade religiosa, caminho para a paz</i>
2010	<i>Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação</i>
2009	<i>Combater a pobreza, construir a paz</i>
2008	<i>Família humana, comunidade de paza</i>
2007	<i>A pessoa humana, coração da paz</i>
2006	<i>Na verdade, a paz</i>



Pontificado **PAPA JOÃO PAULO II**

2005	<i>Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem</i>
2004	<i>Um compromisso sempre atual, educar para a paz</i>
2003	<i>Pacem in terris, um compromisso permanente</i>
2002	<i>Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão</i>
2001	<i>Diálogo entre as culturas, para uma civilização de amor e de paz</i>

2000	<i>Paz na terra aos homens, que Deus ama!</i>
1999	<i>No respeito dos direitos humanos o segredo da verdadeira paz</i>
1998	<i>Da justiça de cada um nasce a paz para todos</i>
1997	<i>Oferece o perdão, recebe a paz</i>
1996	<i>Dêmos às crianças, um futuro de paz</i>
1995	<i>Mulher, educadora de paz</i>
1994	<i>Da família nasce a paz da família humana</i>
1993	<i>Se queres a paz, vai ao encontro dos pobres</i>
1992	<i>Os crentes unidos na construção da paz</i>
1991	<i>Se queres a paz respeita a consciência de cada homem</i>
1990	<i>Paz com Deus criador, paz com toda a criação</i>
1989	<i>Para construir a paz, respeitar as minorias</i>
1988	<i>Liberdade religiosa condição para a sobrevivência pacífica</i>
1987	<i>Desenvolvimento e solidariedade: duas chaves para a paz</i>
1986	<i>A paz é um valor sem fronteiras. Norte-sul, leste-oeste: uma só paz</i>
1985	<i>A paz e os jovens caminham juntos</i>
1984	<i>De um coração novo nasce a paz</i>
1983	<i>Diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo</i>
1982	<i>A paz: dom de Deus confiado aos homens!</i>
1981	<i>Para servir a paz, respeita a liberdade</i>
1980	<i>A verdade, a força da paz</i>
1979	<i>Para alcançar a paz, educar para a paz</i>



Pontificado **PAPA PAULO VI**

1978	<i>Não à violência, sim à paz</i>
1977	<i>Se queres a paz, defende a vida</i>
1976	<i>As verdadeiras armas da paz</i>
1975	<i>A reconciliação, caminho para a paz</i>
1974	<i>A paz também depende de ti</i>
1973	<i>A paz é possível</i>
1972	<i>Se queres a Paz, trabalha pela Justiça</i>
1971	<i>Cada homem é meu irmão</i>
1970	<i>Educar para a paz através da reconciliação</i>
1969	<i>A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz</i>
1968	<i>1.º de janeiro, Dia Mundial da Paz</i>

2022 termina em Fátima com apelos à paz, fraternidade e solidariedade

Homilias das celebrações de Natal e de ação de graças pelo ano de 2022 lembraram as vítimas da guerra, em particular do conflito na Ucrânia, e apresentaram a paz como “tarefa pessoal e permanente”.

Cátia Filipe e Diogo Carvalho Alves

O bispo de Leiria-Fátima presidiu à última Missa de 2022, em Fátima, onde exortou os peregrinos a darem graças e louvor pelo ano findo e a perspetivar o novo ano na certeza da presença de Deus na vida de cada um e na História da humanidade.

D. José Ornelas apresentou o agradecimento como “uma forma de gratidão que exprime confiança” e cria proximidade, apresentando o louvor a Deus como uma oportunidade para participar na transformação que Ele opera na humanidade e no mundo e “a verdadeira oração do crente”.

“O ano que passou foi um tempo muitas vezes difícil: ainda de pandemia, de carestia... Mas é precisamente nas dificuldades que aprendemos que somos capazes de as superar”, lembrou o bispo de Leiria-Fátima, ao apresentar a fraternidade, a caridade e a certeza da presença de Deus como caminhos para uma gratidão que traz uma vida plena e feliz.

No final da celebração, após o canto do hino “Te Deum”, a assembleia seguiu em procissão para a Capelinha das Aparições, onde, após a meia-noite, se cumpriu o gesto da paz, no qual D. José Ornelas lembrou as vítimas da guerra, em particular do conflito na Ucrânia.

Paz: uma tarefa pessoal e permanente

No dia seguinte, na primeira Missa do novo ano, o reitor do Santuário apresentou a concórdia como tarefa pessoal e permanente de cada cristão, tomando o exemplo da vida dos Santos Pastorinhos.

Além da guerra, o padre Carlos Cabecinhas alertou também para “outras formas de violência” do mundo atual e que considerou serem “atentados contra a paz”: “as agressões físicas, a violência verbal e psicológica, os abusos de poder, a indiferença aos outros e aos seus problemas, a exploração de seres humanos, a falta de respeito pelos direitos dos outros e pela sua dignidade, a violência doméstica, o desprezo pelo valor da vida humana”.

“Em tudo isto, percebemos a necessidade urgente de paz à nossa volta”, disse, ao apontar para a paz como tarefa que deve ser assumida, a todo o momento, por cada cristão.

“A paz é tarefa permanente: é todos os dias que nos cabe construir a paz, pois ela começa no coração de cada um de nós, na medida em que afastamos do nosso interior todo o ressentimento contra os outros ou qualquer forma de ódio ou de violência.”



A oportunidade para acolher Jesus

Já nas celebrações da noite e dia de Natal, o reitor do Santuário havia apelado ao “cuidado, à solidariedade e à partilha”, nas alusões que fez ao urgente cuidado pela paz.

O Natal “é festa da paz, da harmonia, da fraternidade, porque Deus se faz nosso irmão em Jesus Cristo”, por isso “não podemos esquecer os que estão sós, os que são explorados de alguma forma, os que não têm condições dignas para viver, os que

desesperam na situação de crise económica em que se veem mergulhar”, alertou o sacerdote, na Missa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, interpellando os peregrinos a “vencer a indiferença diante o sofrimento dos outros, e a ir ao encontro daqueles que precisam de ajuda”.

Na homilia da Missa de 25 de dezembro, o padre Carlos Cabecinhas apresentação a celebração do Natal como oportunidade de “acolher Jesus, que vem como Palavra, Luz e Vida”.

“Jesus Cristo é a Palavra definitiva de Deus, que o mundo não quer escutar. (...) Deixar que Ele

ilumine a nossa vida significa acolher os seus ensinamentos e imitar as suas atitudes, e significa aceitar pô-l’O no centro da nossa vida, para que Ele a guie e ilumine”, afirmou, ao dar exemplos para viver plenamente o Natal.

“Acolher a vida que Jesus nos traz implica abandonar o egoísmo, que nos centra em nós mesmos e nos torna indiferentes aos outros, implica assumir atitudes de atenção e cuidado pelos outros; implica defender a vida em todos os seus momentos e fases”, concluiu o padre Carlos Cabecinhas.

O Advento é o tempo “de nos livrarmos do que nos afasta de Deus”, afirma reitor do Santuário

Padre Carlos Cabecinhas presidiu à Missa da Peregrinação Mensal de dezembro.

Carmo Rodeia

Maria é o “melhor modelo” para vivermos o Advento e prepararmos o Natal, afirmou o reitor do Santuário de Fátima, durante a homilia da Missa da Peregrinação Mensal de dezembro, no dia 13, que evoca as seis aparições de Nossa Senhora durante o verão, que decorreu na Basílica da Santíssima Trindade.

“Neste tempo de Advento, no qual preparamos a vinda do Senhor, centremo-nos em Maria que é o melhor modelo para prepararmos o coração para a chegada de Jesus; é com ela que aprendemos a viver bem o Advento”, exortou o padre Carlos Cabecinhas, ao lembrar que Maria foi “a primeira” a preparar o Advento com a chega-

da do filho e, por isso, “sabe como mais ninguém” o que “é preciso fazer”.

O reitor do Santuário destacou, no início da celebração, transmitida pelos meios de comunicação social e digital da Canção Nova e do Santuário de Fátima, a morte do fundador da Comunidade Canção Nova, que ocorreu na madrugada de dia 13.

“Enviamos as nossas condolências e unimo-nos também à oração desta comunidade e sobretudo à sua obra evangelizadora em todo o mundo”, referiu o padre Carlos Cabecinhas que enviou as condolências a toda a “comunidade e família” Canção Nova em Portugal e no mundo.



“A paz é possível!”

A mensagem do Papa Paulo VI para o Dia Mundial da Paz, a 1 de janeiro de 1973 e a sua relação com Fátima.

Carmo Rodeia

As mensagens dos papas para o Dia Mundial da Paz, instituído por Paulo VI, em 1967, têm consistido em desafios proféticos à consciência e à ação dos cristãos, assumindo-se como sérias interpelações às decisões políticas dos governantes de todo o mundo.

Instituído com o objetivo de “levar os homens a corresponderem, com o auxílio também da reflexão racional e das ciências humanas, à sua vocação de construtores responsáveis da sociedade terrena”, como afirmou Paulo VI, este dia tem sido particularmente relevante para chamar a atenção para temas ligados aos direitos humanos, à justiça social, ao diálogo entre culturas e entre religiões, entre tantos outros temas que em Fátima encontram também eco.

Uma das mais relevantes mensagens foi a de 1973, em plena Guerra Fria. Escrevia então Paulo VI: “a paz é possível, se for verdadeiramente querida; e se a paz é possível, ela é obrigatória”. O Papa apelava com veemência: “fazei dela tema para a opinião pública, com a vossa capacidade persuasiva” e insistia, com ênfase, no convite à reflexão sobre a possibilidade da paz: “Não deixemos, pois, decair a ideia da paz, nem a esperança da mesma paz [...] procuremos renovar sempre nos corações o seu desejo”.

A mensagem dirigida aos “Homens responsáveis pelos supremos interesses da humanidade, Governantes, Diplomatas, Representantes das Nações, Políticos, Filósofos, Cientistas, Publicistas, Industriais, Sindicalistas, Militares, Artistas, todos os Obreiros que influís nos destinos das relações entre os Povos, entre os Estados, entre as Tribos, entre as Classes e entre as Famílias humanas” e a todos “os cidadãos do mundo inteiro; Jovens da geração que sobe, Estudantes, Mestres, Trabalhadores, Homens e Mulheres; gente que pensa, que espera e desespera e que sofre; Pobres e Órfãos e Vítimas do ódio, do egoísmo e da injustiça que ainda predomina” interpelava-os para

“não desistirem da Paz” e para “terem a coragem da paz”, uma “coragem de altíssima qualidade, não a da força bruta, mas a do amor: todos os homens são meus irmãos, e não pode haver paz sem uma nova justiça”.

Este era o programa que trazava João XXIII, na sua Encíclica *Pacem in Terris*, cujo décimo aniversário se assinalava em abril de 1973.

Para Paulo VI promover a paz era um dever. Dizia ele que a paz “está intrinsecamente ligada ao reconhecimento ideal e à instauração efetiva dos Direitos do Homem. A estes direitos fundamentais corresponde também um dever fundamental, que é exatamente a paz”.

Entre 1968 e 1978, Paulo VI elaborou 11 mensagens à comunidade internacional com a esperança de que elas recebessem o mais amplo consenso no mundo civil secular.

A reflexão do Papa centra-se

nos momentos históricos e nas mudanças culturais que aconteceram na Europa e no mundo nos anos setenta do século XX, chegando mesmo a fazer algumas recomendações aos líderes mundiais e a instituições internacionais como a Organização das Nações Unidas.

Num diálogo permanente com a sociedade e com outras realidades diferentes da Igreja, Paulo VI aproveitou sempre por apresentar a proposta do Evangelho como uma alternativa aos valores emergentes que nem sempre tinham em atenção o bem comum. E a paz de que falava era uma ausência de guerra entre os povos, assente numa verdadeira fraternidade Universal, de que nos Fala o Papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti*. E esta paz só se consegue se houver amizade social, isto é, uma proximidade relacional e afetiva entre todos.

É esta “paz de coração” que

se pode elevar a modelo e motor da verdadeira paz, na certeza de que é ela que nos faz abrir ao diálogo, à comunicação e à partilha de valores. Por isso, verificamos sucessivos apelos do Papa aos dirigentes, mas também às famílias e aos indivíduos como que a convocar para uma re-humanização das relações sociais para além do individualismo crescente.

Os protagonistas de Fátima, até a partir do exemplo que viam na sua família, estavam habituados a esta relação de proximidade comprometida com os outros, o que é particularmente evidente quando nos vários colóquios com Nossa Senhora perguntam e pedem a intercessão da Senhora mais brilhante que o Sol para a cura de doentes e vizinhos.

É evidente que a noção de dignidade humana proposta por Paulo VI provavelmente não fazia parte do universo cultural em que se movimentavam os Pastorinhos, mas a certeza de que todos os homens são valiosos aos olhos de Deus, era uma ideia própria da sua mundivivência. De resto, é interessante ver como depois das Aparições acolhiam todos os pedidos dos que os procuravam e a todos ouviam com a mesma atenção.

D. Manuel Linda, num texto sobre a Paz, na Enciclopédia de Fátima, avança que é esta formação dos Pastorinhos que os leva a “intuir que a paz entre as nações é fruto do respeito mútuo, do reconhecimento da soberania e da liberdade de pensamento e de religião. Estes direitos dos povos afirmam-se, em sentido lato, como expressão da dignidade e dos direitos das pessoas. É nessa linha que deve ser vista a referência ao aniquilamento de vários povos por parte da Rússia”. Refere o atual bispo do Porto, no citado artigo, que “existe uma espécie de aparelho circulatório que irriga com o sangue novo da plenitude do Evangelho todas e cada uma das temáticas da paz”.

“Fátima possui hoje a mesma frescura que no primeiro quartel do século XX ou no tempo da II Guerra Mundial. E o mesmo se diga para o futuro”.



Papa Paulo VI na Cova da Iria, a 13 de maio de 1967

O mundo Em Fátima

A paz e a liberdade religiosa

Chegou a Casa, o Papa emérito Bento XVI. A sua morte pede para voltarmos a ler as luminosas palavras, do ponto de vista da antropologia, da teologia e da filosofia política, que dirigiu ao mundo, por ocasião do quadragésimo quarto Dia Mundial da Paz, em 2011: *A liberdade religiosa, caminho para a paz*. Aqui ficam, como legado a cumprir cada mês neste espaço da Voz da Fátima, alguns excertos:

“Na liberdade religiosa exprime-se a especificidade da pessoa humana, que, por ela, pode orientar a própria vida pessoal e social para Deus, a cuja luz se compreendem plenamente a identidade, o sentido e o fim da pessoa. Negar ou limitar arbitrariamente esta liberdade significa cultivar uma visão redutora da pessoa humana; obscurecer a função pública da religião significa gerar uma sociedade injusta, porque esta seria desproporcionada à verdadeira natureza da pessoa; isto significa tornar impossível a afirmação de uma paz autêntica e duradoura para toda a família humana”. (nº 1)

A instrumentalização da liberdade religiosa para mascarar interesses ocultos, como por exemplo a subversão da ordem constituída, a apropriação de recursos ou a manutenção do poder por parte de um grupo, pode provocar danos enormes às sociedades. O fanatismo, o fundamentalismo, as práticas contrárias à dignidade humana não se podem jamais justificar, e menos ainda o podem ser se realizadas em nome da religião. A profissão de uma religião não pode ser instrumentalizada, nem imposta pela força. Por isso, é necessário que os Estados e as várias comunidades humanas nunca se esqueçam que a liberdade religiosa é condição para a busca da verdade e que a verdade não se impõe pela violência, mas pela «força da própria verdade». Neste sentido, a religião é uma força positiva e propulsora na construção da sociedade civil e política. (nº 7)

“Dirijo-me, por fim, às comunidades cristãs que sofrem perseguições, discriminações, atos de violência e intolerância, particularmente na Ásia, na África, no Médio Oriente e de modo especial na Terra Santa. [...] Peço a todos os responsáveis que intervenham prontamente para pôr fim a toda a violência contra os cristãos que habitam naquelas regiões. [...] A violência não se vence com a violência. O nosso grito de dor seja sempre acompanhado pela fé, pela esperança e pelo testemunho do amor de Deus. Faço votos também de que cessem no Ocidente, especialmente na Europa, a hostilidade e os preconceitos contra os cristãos pelo facto de estes pretenderem orientar a própria vida de modo coerente com os valores e os princípios expressos no Evangelho.” (nº 14).

Padre Manuel Antunes distinguido pela Ordem de Malta

Capelão do Santuário recebe condecoração pela sua ação de 45 anos ao serviço da mensagem de Fátima e do apoio aos seus peregrinos.

Carmo Rodeia



O padre Manuel Antunes acaba de receber a Grã-Cruz de Mérito Melitense da Soberana Ordem Militar de Malta, em reconhecimento pela sua ação ao longo de 45 anos ao serviço da mensagem de Fátima e do apoio aos seus peregrinos.

“Durante 45 anos visitou incansavelmente todos os postos de atendimento de Peregrinos de norte a sul do país, fazendo dezenas de milhares de quilómetros num verdadeiro apostolado, que o faz ser reconhecido por todos os que peregrinaram a Fátima a pé. Sendo um conciliador, continuou a trabalhar incessantemente apoiado na opinião dos médicos e dos técnicos da Ordem de Malta de Portugal procurando gerar consensos que possibilitassem a uniformização dos tratamentos dispensados aos peregrinos na estrada, enquanto sensibili-

zava os agentes envolvidos para o peregrinar em segurança” diz uma nota enviada pelo Grão-Mestre da Ordem de Malta à Voz da Fátima.

O padre Manuel Antunes já tinha sido agraciado com a Cruz “PRO PIIS MERITIS”, em 1983 (foto da notícia na Voz da Fátima de 13 de junho de 1983, ao lado), e agora, por proposta unânime do Conselho da Assembleia Portuguesa, decidiu o Soberano Conselho da Ordem de Malta outorgar em Roma por Decreto Magistral n.º 336, de 1 de junho de 2022, a elevação do Senhor Padre Manuel de Sousa Antunes ao grau da Grã-Cruz “PRO PIIS MERITIS”.

Esta condecoração só foi concedida em Portugal por duas vezes: a D. Eurico Dias Nogueira, arcebispo de Braga, em 1983, e ao Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente.



Foi agraciado com a cruz «PRO PIIS MERITIS» da ordem «Pro Merito Melitensi» da Ordem de Malta, o Rev. P. Antunes, do Serviço de Associações e Serviço de Doentes do Santuário.

A condecoração foi concedida por decreto de 29 de Abril de 1983 e entregue em 12 de Maio deste ano.

Pelos relevantes serviços prestados em favor dos peregrinos recebeu, pois, um Diploma e uma Medalha.

OS NOSSOS PARABÉNS!

AGENDA

janeiro

18
qua

SEMINÁRIO DESCODIFICAR FÁTIMA | 3.ª SESSÃO

25
qua

CONVERSÃO DE S. PAULO, APÓSTOLO – FESTA

SEMINÁRIO DESCODIFICAR FÁTIMA | 4.ª SESSÃO

fevereiro

2
quí

APRESENTAÇÃO DO SENHOR – FESTA

DIA DO CONSAGRADO

4
sáb

PRIMEIRO SÁBADO

11
sáb

NOSSA SENHORA DE LOURDES – MEMÓRIA

DIA MUNDIAL DO DOENTE

DEPARTAMENTO DE ACOLHIMENTO E PASTORAL

Retiros & Itinerários de Espiritualidade 2023

JANEIRO

20, Sexta Itinerário de espiritualidade mariano
Escola do Santuário (20-22)

FEVEREIRO

17, Sexta Retiro para jovens (17-19)

MARÇO

3, Sexta Retiro Geral, Escola do Santuário (3-5)

9, Quinta Retiro de Doentes (9-12)

23, Quinta Retiro de Doentes (23-26)

ABRIL

6, Quinta Fátima na luz da Páscoa. Viver o Tríduo
Pascal com a mensagem de Fátima (6-9)

13, Quinta Retiro de Doentes (13-16)

27, Quinta Retiro de Doentes (27-30)

MAIO

18, Quinta Retiro de Doentes (18-21)

25, Quinta Retiro de Doentes (25-28)

JUNHO

15, Quinta Retiro de Doentes (15-18)

22, Quinta Retiro de Doentes (22-25)

JULHO

6, Quinta Retiro de Doentes (6-9)

20, Quinta Retiro de Doentes (20-23)

AGOSTO

17, Quinta Retiro de Doentes (17-20)

24, Quinta Retiro de Doentes (24-27)

SETEMBRO

7, Quinta Retiro de Doentes (7-10)

21, Quinta Retiro de Doentes (21-24)

27, Quarta Retiro Geral, Escola do Santuário (27-1)